

caderno: registro, desenho, processo

Vitória Tomizawa Sargaço

caderno: registro, desenho, processo

Vitória Tomizawa Sargaço
Orientação Prof^a. Dr^a. Clice de Toledo Sanjar Mazzilli

versão original

Trabaho Final de Graduação
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade de São Paulo
Julho de 2020

resumo

O caderno de rascunhos e estudos, ou o sketchbook, é um item praticamente indispensável em formações criativas como o curso de Arquitetura ou Design. Este trabalho é uma discussão sobre o papel do caderno no desenvolvimento de processos criativos, entendendo a semântica da palavra “desenho” sob uma ótica contemporânea para analisar seus processos e sua documentação. Afim de aprofundar um pouco mais esse estudo, são observados alguns cadernos e sketchbooks desenvolvidos ao longo do curso de arquitetura, cada qual com suas peculiaridades técnicas e temáticas.

palavras-chave: desenho, caderno, sketchbook, processo, criação, registro, journal, diário

abstract

The sketchbook is an indispensable item in creative education such as Architecture or Design courses. This dissertation is a discussion on the role of the sketchbook in the development of creative processes, understanding “drawing” as a concept from a contemporary perspective to analyze its processes and documentation. In order to further deepen this study, some of my personal notebooks and sketchbooks developed over the years in the architecture undergraduate course are being documented and studied, considering that each one of them has its own technical and thematic peculiarities.

key words: drawing, sketchbook, process, creative, journal, journaling, draft, design

sumário

introdução	06
capítulo 01_ discussões	09
capítulo 02_ desenvolvimento	12
parte 01_ cadernos	13
parte 02_ análise	58
considerações finais	68
referências bibliográficas	69

introdução

Mesmo antes de ingressar no curso de Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, já sabia que teria uma trajetória criativa pela frente. Isso porque desde a infância sempre me envolvi em processos criativos e experimentação com técnicas e materiais diversos nos campos criativos da arte e até mesmo da música. Antes de ter o meu primeiro sketchbook, desenhava constantemente nos cantos e no verso dos meus cadernos e livros da escola. Portanto, quando comecei a graduação claro que não seria diferente.

Já tinha preenchido alguns cadernos de rascunhos e ilustrações durante o colegial e o cursinho. Fiz cursos de desenho para conquistar a capacidade técnica necessária para ser aprovada na tão temida Prova de Habilidades Específicas, que ainda existia no vestibular daquela época.

Para a minha enorme alegria, logo no início das aulas fomos expostos a sessões de modelos vivos todas as tardes por uma semana, e, estimulados e orientados pelo Professor e Artista Plástico Feres Khoury, desenhávamos experimentando um olhar e uma expressividade que nunca tínhamos tido antes. As folhas A3 pareciam grandes demais pra quem estava acostumado a rabiscar num sketchbook A5. A tinta do nanquim que encharcava nossos pincéis e deixava manchas que não sabíamos controlar no papel

nos surpreendia a cada traço. O giz pastel oleoso que nos intimidava pela sujeira e intensidade, pelo traço rústico que deixava no papel, ia nos fazendo aos poucos perder o medo de desenhar e experimentar com as novas personalidades que o nosso desenho ganhava diante das cores e linhas que saltavam do papel. Aos poucos, a folha em branco deixava de nos intimidar, e ficávamos mais inspirados e confiantes para começar um novo desenho a cada nova pose dos modelos.

De fato, o primeiro semestre foi um dos mais experimentais e criativos que tivemos na grade do curso. Por ser recém-ingressantes no curso, nenhum dos estudantes tinha conhecimento técnico suficiente pra projetar uma edificação ou calcular a estrutura de construções arquitetônicas complexas. Estava permitido ser criativo e ser livre pra expressar nossos sentimentos, desejos, anseios e criatividade nos projetos da nossa primeira matéria de estúdio e das nossas primeiras matérias práticas de construção. Não tinha exatamente algo certo ou errado: tudo podia ser proposto e trabalhado mais a fundo depois.

Conforme o passar dos anos na FAU, fui acumulando mais cadernos, desenhos e processos. Alguns desses cadernos foram exclusivos a uma certa matéria, outros contêm diversos rascunhos de desenvolvimento

de projetos de diversas matérias que aconteciam simultaneamente num semestre. Foram muitas ideias esboçadas no papel, muitos pedaços avulsos colados e anexados aos cadernos, desenhos à lápis, à caneta, à tinta ou em lápis de cor para colorir os rascunhos. Muitas ideias boas, muitas ideias descartadas, algumas se tornaram parte do projeto final, geralmente concluído digitalmente para ser apresentado aos professores e colegas da matéria. Outros cadernos, tinham um caráter de registro, anotação. Registros de matérias diversas num mesmo caderno, esboços de projetos e rascunhos de ilustrações e estudos pessoais. E por fim, alguns cadernos acabaram se tornando muito mais pessoais. Registros de estudos e ilustrações que eu queria fazer por projetos pessoais, organização de agenda, dados e ideias, registros de viagens, passeios, conversas num café qualquer.

Cada um desses cadernos, mesmo que muito diferentes entre si, acabavam por ter uma proposta comum: o registro e o diário dos rascunhos do meu cotidiano acadêmico e criativo.

Quando comecei o TFG1, olhando para todos esses desenhos e rascunhos que tinha acumulado até então, observei que o desenho e a ilustração tinham sido muito presentes na minha trajetória da graduação. Durante o intercâmbio para Savannah College of Art

and Design, nos Estados Unidos, tive a oportunidade de cursar matérias de ilustração, pintura e fotografia. Eu sabia que minha grande paixão era o desenho. E achava que desenhando eu poderia concluir o curso da FAU contando alguma história, seja ficção ou não. Poderia trabalhar em algo sensível e ilustrado, que tivesse muito de mim e do que sou nas páginas do trabalho final. E comecei a desenhar. Pensei em personagens, li histórias de ficção e contos infantis, me inspirei, pensei em ilustrar um conto existente, até pensei em eu mesma criar o roteiro da estória.

Nesse mesmo semestre, eu estava cursando uma matéria de Linguagem do Desenho oferecida como matéria optativa do Professor Feres Khoury. Eram tardes de segundas-feiras, no Atelier Fraccaroli, em meio à natureza de um jardim singelo e ao amplo espaço interno em que cabem diversas esculturas que estão abrigadas lá. O cronograma dessa matéria estava dividido em duas etapas: a primeira, nos estudos da natureza; e a segunda, nos estudos de modelos vivos. Na primeira etapa, o Professor sugeriu que cada aluno tivesse um caderno com o qual pudesse buscar e analizar pequenos achados da natureza e os registrar em forma de desenho ou pintura. Foram pedras, plantas, flores, frutas. Qualquer coisa que encontrássemos e pudéssemos usar de objeto de estudo durante a aula, ou fora do horário de aula,

como forma de estudos individuais para a matéria. Além disso, a partir da segunda metade do semestre passamos a receber a presença de um modelo vivo uma vez por semana. Nem sempre era o mesmo modelo, mas desenhávamos em folhas A3 e íamos guardando nossos trabalhos, cada aluno em sua própria pasta.

Ao final desse semestre, olhando para tudo o que tinha conseguido produzir em termos de desenvolvimento criativo e de processo de projeto, percebi que o ato de pensar os desenhos, produzir os rascunhos e rabiscar novas ideias eram mais interessantes e intrigantes do que o produto dos desenhos em si. E nesse momento, antes de começar o TFG2, após conversar sobre o projeto com a Professora Clice, minha orientadora desse trabalho de graduação, decidimos redirecionar o trabalho para os estudos de um diário: um sketchbook, um caderno, e todos os registros, desenhos, rascunhos e processos contidos nele.

No começo, esse trabalho visava contemplar e analisar um caderno em particular. Esse caderno tinha a proposta de ser um diário ilustrado. Além de marcar uma agenda com minhas atividades diárias e compromissos em geral, eu faria um desenho por dia. Portanto, diariamente escolhia alguma atividade ou momento que eu julgasse ter sido marcante naquele

dia, e o representava, de forma e técnica bastante simples, com uma pequena ilustração na agenda. Além disso, esse diário também tinha a proposta de ir registrando, ao longo do semestre, outras ideias e projetos pessoais que eu tinha, além de registros de humor, atividades realizadas, ideias e projetos de ilustrações, pinturas, paisagens e tatuagens, sonhos e outras memórias que eu tivesse e pudesse anotar nesse caderno. Como eu tinha acabado de redirecionar o projeto, e sabia que meu objeto de estudo levaria o semestre todo para ficar pronto, a análise dele também não seria possível durante aquele semestre, enquanto eu o estivesse produzindo, e estava determinada a alongar o TFG2 por mais um semestre.

Conforme o caderno diário ilustrado foi sendo preenchido, percebi que a análise dele seria bastante rica. Mas talvez a discussão pudesse ser mais abrangente ainda: olhando para trás, eu tinha muitos e muitos cadernos, agendas, rascunhos. Todos guardados com muito carinho num canto de um armário em casa. De vez em quando eu os revisitava para resgatar uma ideia ou ver como eu tinha resolvido tecnicamente algum desenho. Esses cadernos são muito mais do que rascunhos. Eles são um conjunto de registros da minha trajetória criativa. Revelam diferentes etapas da minha graduação, estilos e técnicas distintos pelos quais estava estimulada em cada momento,

viagens que fiz, projetos que comecei e projetos que terminei, ilustrações que rabisquei e ilustrações que finalizei. Cada um desses desenhos conta uma história e fez parte do meu desenvolvimento técnico e criativo.

Neste trabalho quero contemplar o caderno como objeto de estudo. Não só pelas anotações, mas pelo desenho como ferramenta de processo criativo. Para isso, primeiramente gostaria de discutir o que é o desenho. E usar dos conceitos do desenho sob uma ótica mais contemporânea para falar um pouco sobre cadernos, sketchbooks e journaling como forma de registro e diário de processos criativos. Por fim, vou entrar um pouco mais em detalhe nos meus próprios cadernos. A partir do registro fotográfico de cada uma das peças, gostaria de analisar cada época em que passei na graduação e a forma como eu produzi minhas anotações, rascunhos e ideias em cada um dos cadernos. Será uma jornada sensível por muitos desenhos e registros ao longo dos meus anos de FAUUSP, e o esboço da paisagem do tempo, formado por todas essas anotações.

Antes de entrar nas discussões teóricas, gostaria de ressaltar também o contexto atual em que esse trabalho foi realizado, em meio à pandemia de Covid-19 e à quarentena estabelecida na cidade de São Paulo. Por conta dessa situação bastante excepcional, tive

certa dificuldade de acesso a um número maior de referências bibliográficas e recursos como estúdio de fotografia e gráficas. O trabalho foi levemente adaptado ao longo desse semestre para que pudesse ser concluído da melhor forma possível, com muitas das referências bibliográficas gentilmente fotografadas ou escaneadas por amigos e colegas, além de conteúdos que já estão disponíveis online.

discussões



O que é o desenho?

desenho

Substantivo masculino.

Derivação regressiva de *desenhar*.

Representação gráfica de ideias e planos;

Feitio, configuração, contorno;

Linguagem, comunicação, expressão;

“A representação das formas e volumes em uma superfície, principalmente por meio de linhas”
(Dicionário eletrônico Artlex);

“Registro gráfico, expressão em linhas, manifestação de formas em duas dimensões, esboço, traçado”
(MOTTA, 1975. p.31).

desenhar

Verbo transitivo.

Formar uma ideia;

“A arte de representar objetos por meio de traços”
(Dicionário de Belas Artes de Regina Leal).

“Desenho é linguagem também e, enquanto linguagem, é acessível a todos. (...) a arte, e com ela uma de suas linguagens - o desenho -, é também uma forma de conhecimento” (ARTIGAS, 1975. p.22)

Desenho é um tema bastante amplo. Neste capítulo gostaria de brevemente abordar o histórico dos conceitos da palavra “desenho”, para então, sob uma ótica mais contemporânea, entender o papel do desenho como registro e desenvolvimento criativo e processual. Portanto, através dos pensamentos de designers, arquitetos e artistas, que usam do desenho como ferramenta de processo criativo, será possível fazer um recorte nas definições de desenho e, a partir dessa delimitação, analisar alguns dos meus cadernos no próximo capítulo.

Um dos momentos mais relevantes na definição do termo “desenho” é o entendimento do desenho como desígnio, intenção. Essa discussão sobre a real utilidade da arte nas civilizações foi levantada inicialmente por Platão, mas ao igualar a arte à intenção, acaba ficando claro que a arte é obra do homem, e não da natureza. Portanto, o desenho é uma intenção do homem.

Mesmo muito tempo depois, já na Idade Média, a semântica da palavra “desenho” ainda estava em discussão. Diferente da Antiguidade Clássica,

considerava-se que o corpo humano, presa miserável do pecado, não era digno de ser representado. Era a época da ascensão de construções como as grandiosas Catedrais Góticas.

Após esse período, a técnica e as artes passaram a ter outro papel. Não só o artista, mas também o escultor e o arquiteto. À época do Renascimento, muitas foram as técnicas de desenho, pintura, escultura e projeto desenvolvidas, e são essas as competências que deram origem às técnicas que utilizamos no desenho e na arte hoje. Leonardo da Vinci desenhava como um artista, mas fazia suas composições de forma extremamente técnica e precisa. Inserindo cada elemento e cada figura em formas geométricas, nada em seus arranjos era arbitrário.

A partir de então, não apenas com Leonardo mas junto de outros artistas Renascentistas, o desenho passou a ser linguagem da técnica e da arte. O desenho cria no plano das ideias para se tornar realidade no mundo material. Nesse momento, o “disegno” renascentista passa a ter significado e semântica dinâmicos.

O desenho então é risco, traçado, expressão, projeto, linguagem de técnica construtiva; e também é desígnio, intenção, propósito.

Um pouco mais próximo do contemporâneo, o desenho ainda teve um papel muito importante no desenvolvimento industrial e tecnológico. À época da Revolução Industrial, quando o designer surge como um profissional responsável por projetar novos objetos, o desenho como linguagem passa a ter uma função ainda mais rica, e entre os primeiros países europeus a se industrializar - França, Inglaterra, entre outros - a troca de experiências e de soluções de projeto se dá justamente através do desenho industrial.

Do clássico texto da aula inaugural na FAUUSP pelo arquiteto Vilanova Artigas, entende-se que a semântica do “desenho” ainda está em aberto e em conflito até hoje. O desenho não é a única linguagem do artista, mas sim “uma forma de comunicação ligada estreitamente ao que exprimem.”

Avançando um pouco mais nesse tema, Cecília Salles fala sobre o conceito de “documentos de processo”, que vai além do conceito central de um registro escrito, ampliando-se para as diferentes formas de linguagem e, entre elas, o desenho. Em seu livro *Gesto inacabado*, a autora discute a importância e os limites da ideia de manuscrito, e preocupa-se com compreender o processo criativo a partir das marcas e estudos deixados pelos artistas.

Na análise do Dr. Edson do Prado Pfützenreuter, a semântica do desenho é colocada em duas áreas principais: o desenho como intenção de projeto e como registro. Tomando como referência Flávio Motta, que reitera o discurso da aula inaugural de Artigas, “desenho” está relacionada em sua origem à “desígnio”, à “noção de projeto”, e discute como esse sentido acabou se perdendo ao longo do tempo. O desenho vai além do “registro gráfico, expressão em linhas, manifestação das formas em duas dimensões, esboço, traçado” (MOTTA, 1975. p.31). É noção de projeto, é traçar planos, ideias, intenções. É desígnio.

Por isso que o desenho como documento de processo é tão relevante: o desenho revela a intenção do artista através de uma abstração. Abstração porque o desenho, quando colocado em linhas, cores, formas, texturas, é uma representação de uma ideia ou observação da realidade, através do gesto do artista. Esse desenho, então, tem a necessidade de ser registrado de alguma maneira, com algum instrumento e suporte que permita armazenar essas ideias.

Desde a pré-história, quando os primeiros desenhos começaram a ser feitos pelo homem, muito antes de outras formas organizadas de comunicação como a fala ou a escrita, o desenho era usado como linguagem. Desde então, os instrumentos de traçado foram

evoluindo: de pedras coloridas e giz, até penas de aves, bambu de junco, pontas de metal, e finalmente o lápis grafite.

Os registros então eram feitos usando um instrumento de traçado sobre um suporte, e ambos foram evoluindo simultaneamente, conforme a adequação entre eles. Da pedra a argila, madeira e tela, até suportes mais portáteis como o papiro, o pergaminho e o papel.

O lápis e o papel, que hoje são instrumento e suporte tão usados e tão comuns são criações tecnológicas razoavelmente recentes. O papel só foi desenvolvido com uma trama mais fina e bem colada a partir do século XV, enquanto o lápis só começou a ser manufaturado no século XIX. O desenvolvimento do papel foi fundamental para o desenvolvimento do desenho. Os suportes até então eram muito caros, como o pergaminho, em que se raspava os desenhos para que se pudesse reaproveitar o suporte. Mas o papel, por ser muito mais barato, permitiu que as anotações e registros pudessem ser preservados - e isso foi revolucionário em termos de documentação de processos criativos.

O ato de registrar, portanto, é uma forma de pensamento visual, conforme conclui Pfützenreuter. E o desenho é uma ótima ferramenta para materializar

as ideias graficamente sobre o suporte. Através de traços, o desenho em papel e grafite, a baixo custo, é uma linguagem que permite organizar um pensamento de forma visual, fazendo experimentações e estruturando o fluxo de ideias.

É instrumento de trabalho do artista, portanto, o desenho e o registro gráfico. Esse conjunto de pensamentos visuais, esboços, estudos, anotações, são documentos de processo criativo. Desenhos rápidos, indicações, observações, memórias, imaginações. É uma forma que os artistas encontraram para se guiar, para se estimular ao seu próximo objetivo, seja uma pintura, gravura, escultura, instalação. E vai muito além do armazenamento de ideias, são estudos de diferentes soluções gráficas e visuais, experimentações.

"Organizadas em cadernos, as anotações podem estar ligadas a um momento particular, como os desenhos que Delacroix fez em sua viagem ao Marrocos, mas fazem parte da vida do artista, quase como um diário visual."

(PFÜTZENREUTER, 2001. p.194)

Atualmente, é muito fácil encontrar anotações que vão além do gesto do desenho: comentários verbais, fotos, recortes de jornais e revistas, embalagens

colecionadas. Nesse caso, o caderno é como um diário visual, cheio de registros cotidianos, observações, pensamentos, experimentações gráficas. O caderno é um suporte moderno, bastante versátil e portátil, que coleciona todos esses processos visuais e criativos materializados no papel.

"O desenho, esboço, estudo ou anotação, analisado pela crítica genética como marca do processo do artista faz a síntese entre os dois sentidos desta palavra e acrescenta outro: é registro, é projeto, e é também pensamento visual materializado."

(PFÜTZENREUTER, 2002. p.195)

desenvolvimento

capítulo 02



Neste capítulo gostaria de observar alguns dos cadernos que produzi durante a graduação. Desde 2012, foram muitos cadernos preenchidos com rascunhos, anotações de aula, estudos de projeto, ilustrações e diários. Para que a análise seja um pouco mais objetiva, elegi 7 cadernos que julguei ser mais relevantes - tanto pelo tema abordado nos registros, quanto pelas técnicas utilizadas nos desenhos, de forma que seja possível notar a progressão, as mudanças e permanências de um para o outro.

Antes de fazer essa comparação, farei uma breve descrição do conteúdo e do contexto de cada um deles, tal qual uma ficha técnica, para entender um pouco do histórico de cada um. Em sequência, gostaria de colocá-los em ordem cronológica para poder observar, através do conteúdo de cada um deles, a paisagem temporal que é possível de se traçar por esses registros.

cadernos



agenda diário

São Paulo, de 2018/08 a 2019/06

caderno

formato A5, brochura;
papel pólen 90g, interior pontado;
capa flexível e elástico externo.

conteúdo

agenda, diário, sketchbook.

materiais utilizados:

aquarela, nanquim, gouache, lápis de cor,
colagem.

agenda diário

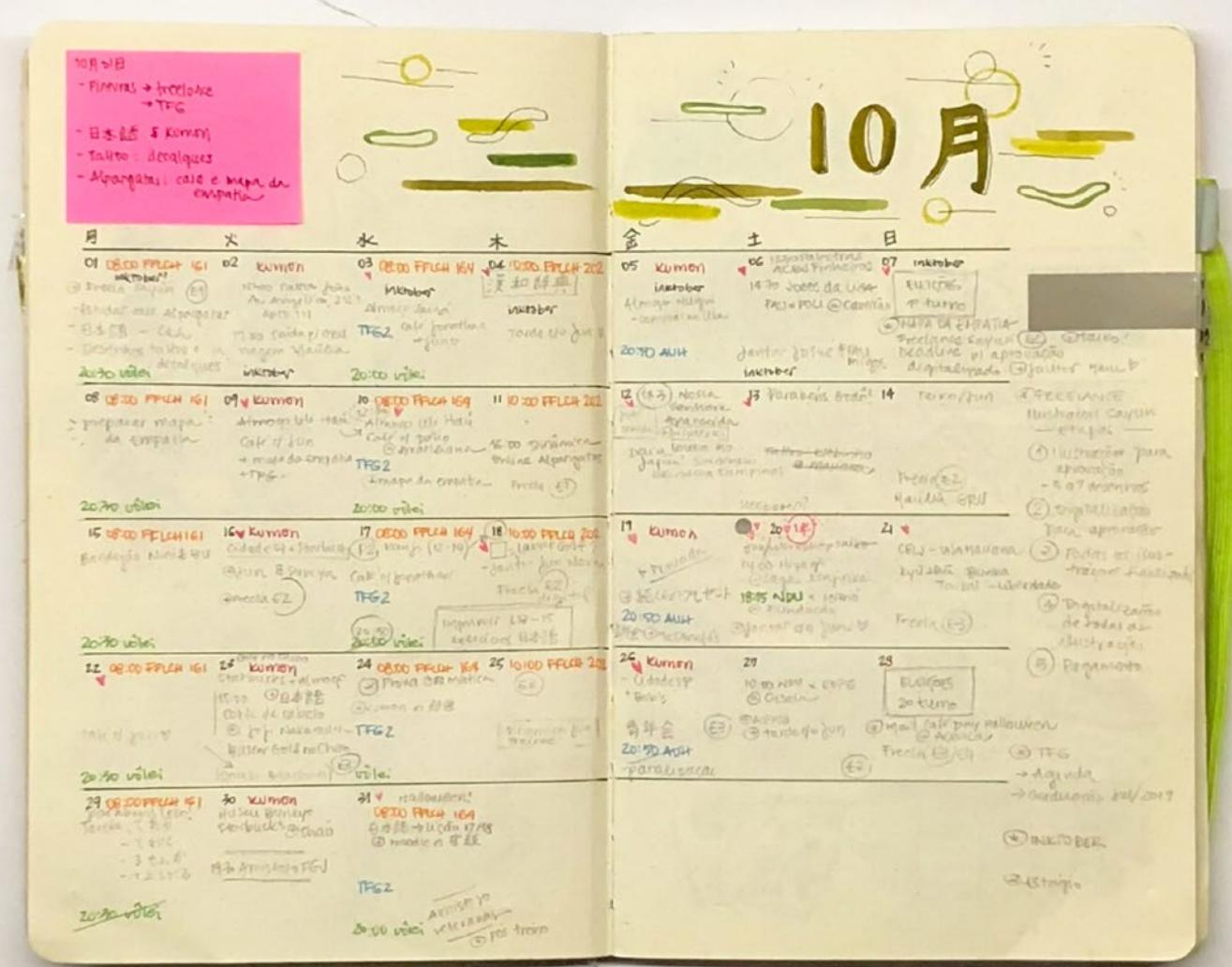
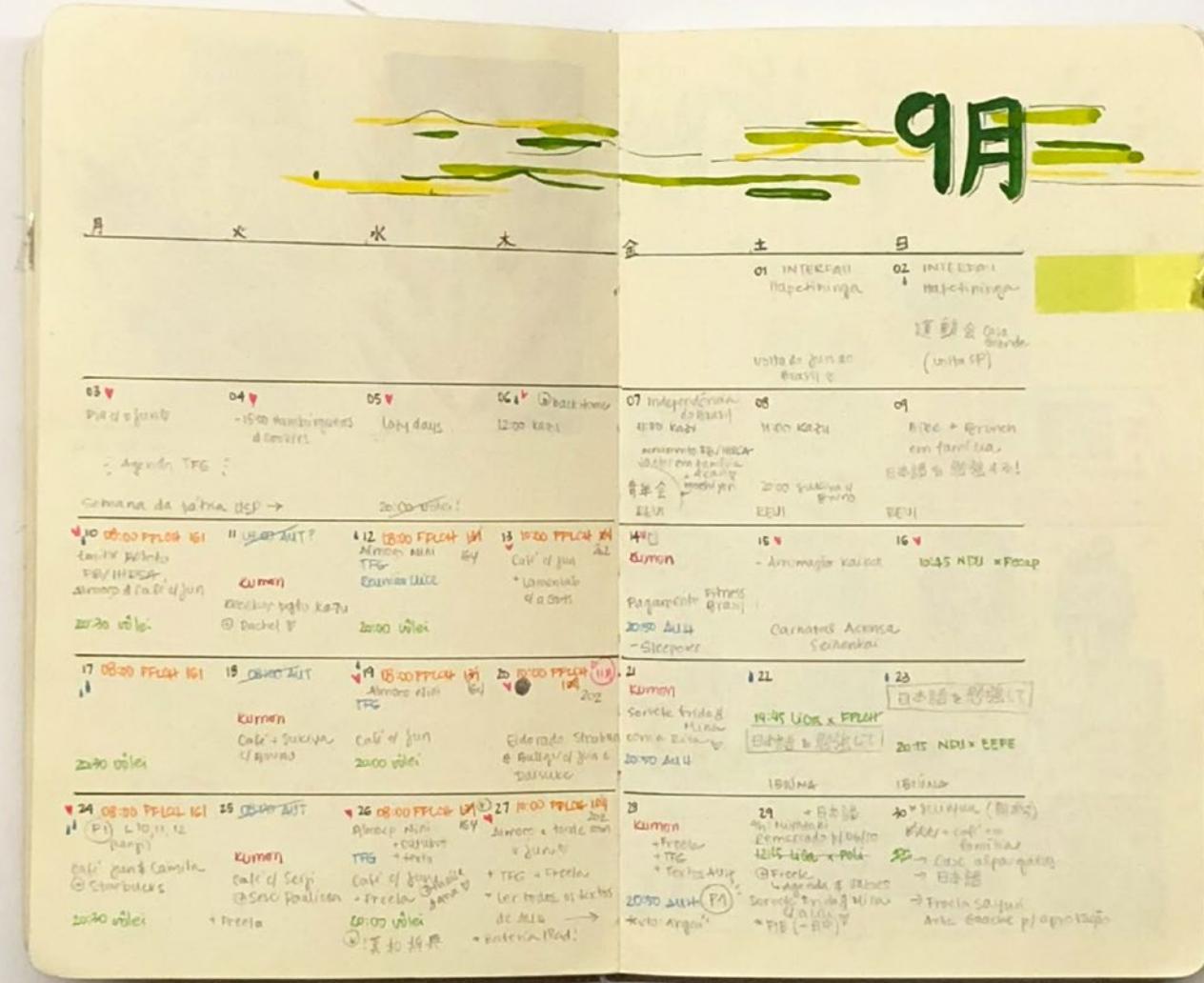


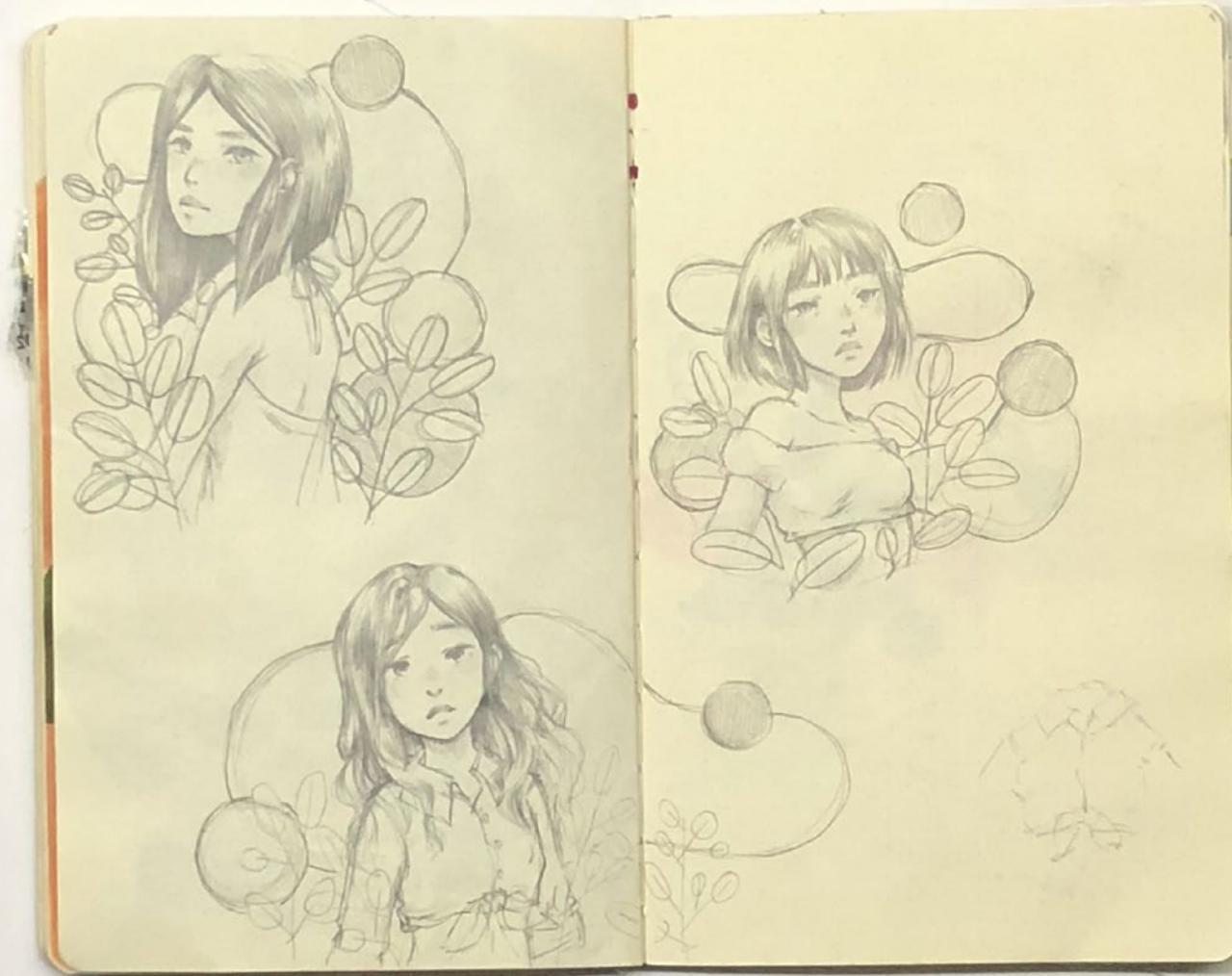
Quando finalizei a matéria do TFG1, ainda em 2018, e comecei a nova proposta para o TFG2, queria analisar um caderno específico. Esse caderno tinha a proposta de ser uma espécie de diário, no qual eu faria não só minha agenda, preenchida com minhas atividades diárias, mas também um registro diário de algo que tivesse marcado meu dia de alguma forma. Além disso, nesse diário eu também poderia desenhar e escrever sobre coisas que eu sentia ou projetos pessoais que eu quisesse desenvolver, sonhos e pesadelos que eu me lembresse ao acordar, pequenas observações cotidianas, enfim, praticamente um diário de bordo da minha rotina e do meu dia-a-dia.

Fui lá escolher um suporte. Um caderno A5 de papel pôlen 90g pontado, capa holográfica não muito resistente, elástico para manter o caderno fechadinho quando fosse o guardar na mochila, não muito caro. Comecei desenhando uma capa simples para registrar o início da agenda: São Paulo, Agosto de 2018. Na página seguinte, preenchi com um esquema dos meses de 2018 que ainda estavam por vir, até o final do ano. Tracei um calendário duplo para cada mês, de forma que na primeira dupla de páginas eu escrevia minhas atividades e organizava

minhas tarefas mensais, e, na dupla seguinte de páginas, eu desenhava em cada espaço diário algo marcante que havia acontecido em cada dia.

Assim, todos os dias eu escolhia algum momento ou alguma coisa do meu dia para representar. Às vezes, eu não tinha muito mais o que eu quisesse desenhar, e ficava só nesse diário mesmo. A princípio, eu decidi que usaria materiais e técnicas bem simples nesses desenhos, até porque o caderno que eu escolhi não é particularmente apropriado para pinturas, nem tem um papel de gramatura muito alta. Desenhava direto à caneta nanquim o contorno, e pintava com lápis de cor, só pra colorir mesmo. Nunca fazia estudos ou rascunhos à lápis grafite. A ideia era que o desenho ficasse espontâneo, exatamente da forma como saiu da minha mão. Mesmo que ficasse um pouco torto ou desproporcional, o objetivo era que o desenho acontecesse sem que eu me prendesse demais ao resultado gráfico, mas que eu desenhasse diariamente e o resultado pudesse ser visto no conjunto de todas as ilustrações juntas, mesmo que individualmente fossem imperfeitas.



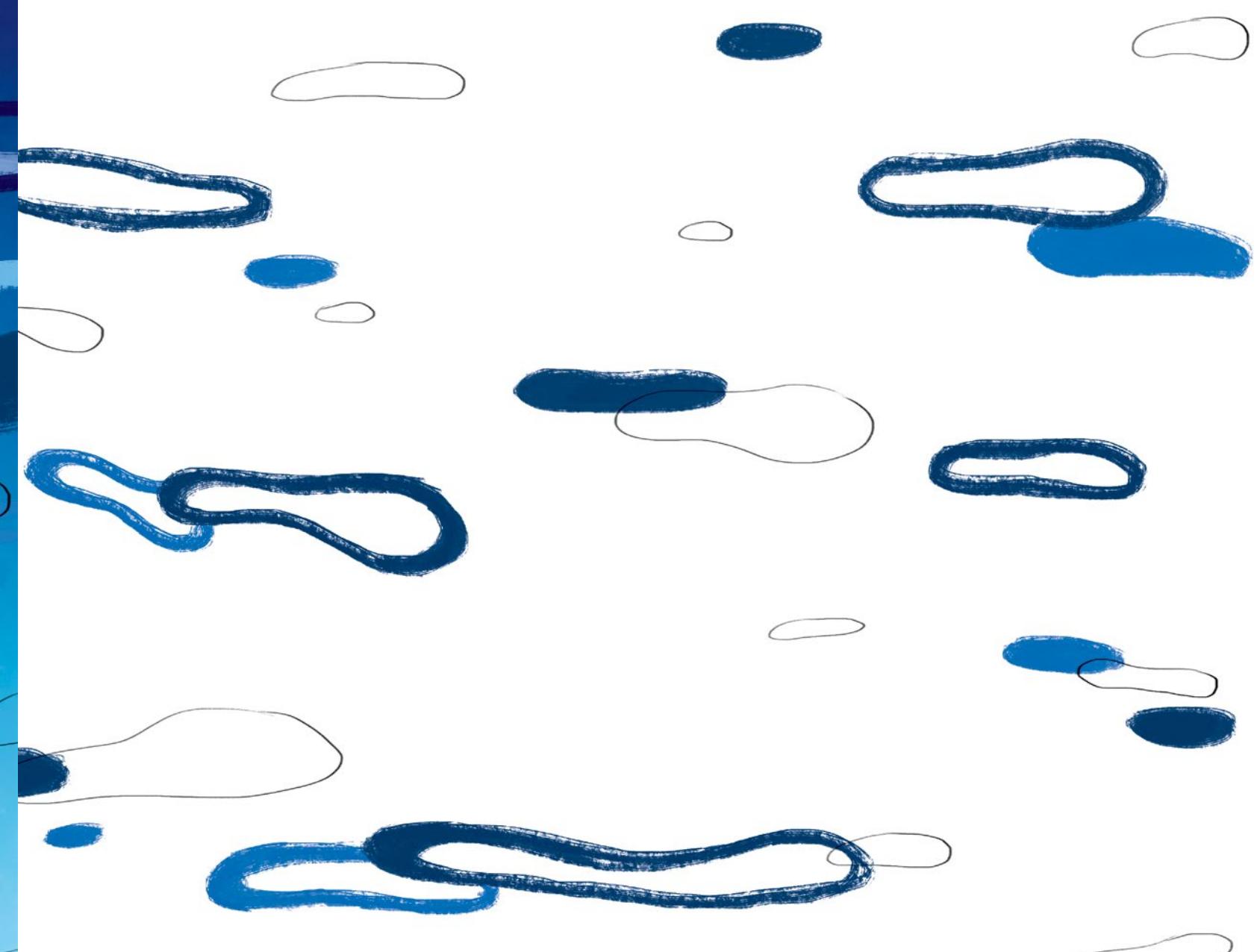


Estudos de composições e paletas para ilustração.

Além do diário ilustrado, fui preenchendo as demais páginas desse caderno com outras idéias, ilustrações e experimentando diferentes materiais - foi justo na época em que comecei a me arriscar mais no gouache, complementando à aquarela que sempre usei e já estava habituada a usar nos meus rascunhos até então. O interessante é que esse caderno acabou se tornando palco para muitos estudos pessoais e experimentações, em que misturei materiais diferentes, trabalhei com colagens, pinturas, retratos, paisagens, desenhos de observação e ilustrações variadas.

Além disso, nesse caderno também comecei a desenvolver composições para meu trabalho informal e hobby como tatuadora, em que esbocei ideias de combinações de cores e estilos de ilustrações que poderia passar para a pele.

agenda diário



Estudos que viraram ilustrações digitais.

agenda diário



Esse caderno também tem um aspecto importante pra mim: é um registro bastante sensível e ilustrado das minhas memórias e sentimentos cotidianos. Nele, estão reunidos muitas anotações e desenhos que expressam não só os acontecimentos do meu dia-a-dia, mas também como eu me senti diariamente. Comparando com os demais cadernos que serão objetos de estudo desse trabalho, a Agenda-Diário de 2018 e 2019 com certeza foi a coleção mais sensível e que me trouxe mais memórias dos momentos vividos ao longo do desenvolvimento desse caderno como produto do projeto de graduação. Claro que logo no início da proposta da matéria do TFG2, Professora Clice e eu tínhamos consciência de que esse caderno iria abrigar um conteúdo bastante afetivo e sentimental, mas olhar para o resultado gráfico de todas essas memórias e registros tem um peso emocional mais profundo do que imaginei que teria. E isso me fez perceber nos demais cadernos que, além do processo criativo, mesmo em ilustrações e outros estudos não relacionados ao meu cotidiano ou ao meu humor e sentimentos, cada um desses desenhos me trás memórias das emoções que senti quando os desenhei.



cadernos



diário de bordo

São Paulo e Portugal, de 2019/02 a 2019/09

caderno

formato A5, costurado à mão;
papel vergé 150g;
sem capa e sem acabamento.

conteúdo

proposta da matéria AUT2522, sketchbook,
diário de viagem

materiais utilizados

aquarela, nanquim, gouache, lápis de cor, grafite

diário de bordo



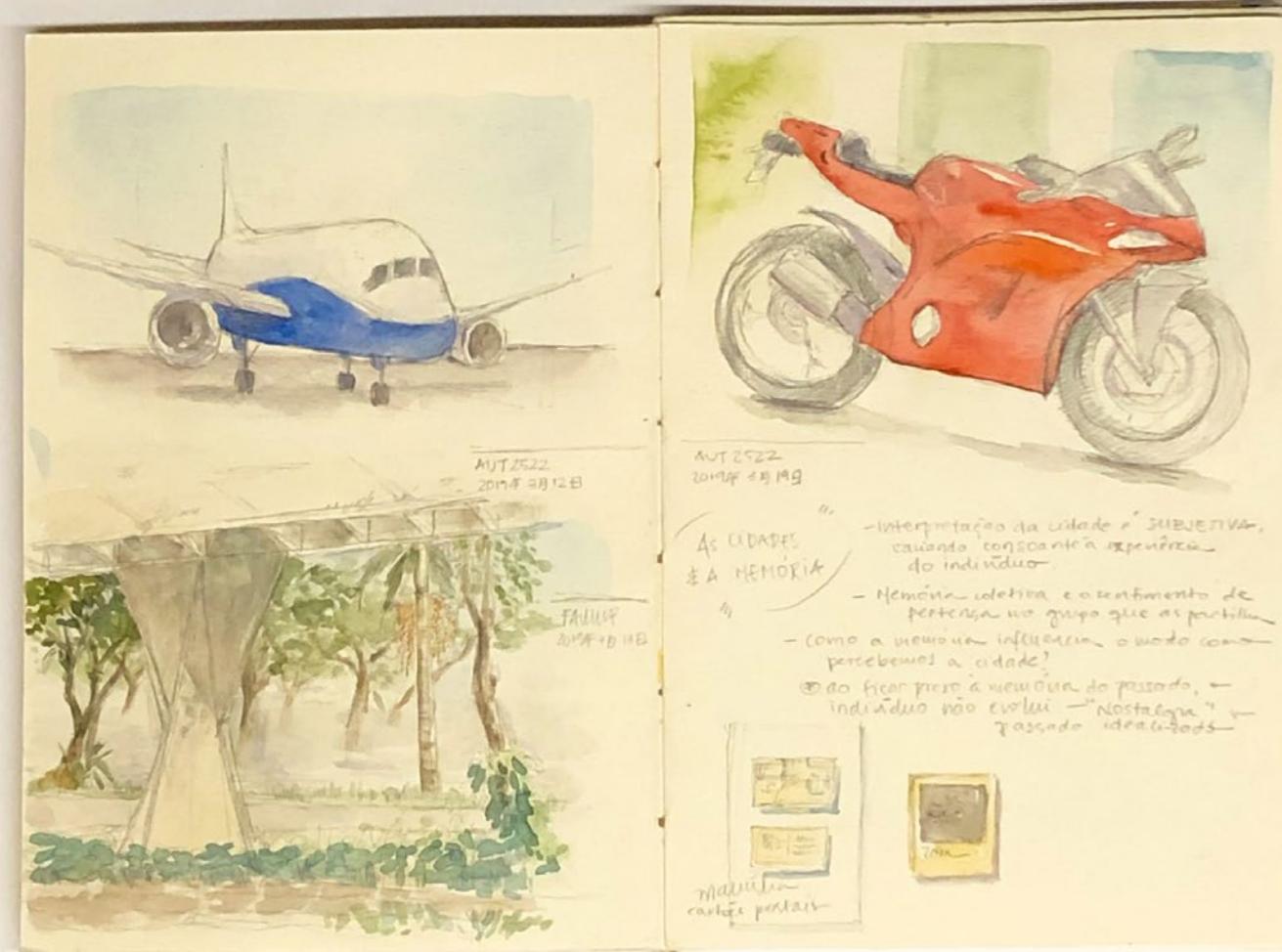
Esse caderno é bastante especial. Ele não tem capa nem acabamento, mas foi costurado à mão e ganhei de presente de um amigo querido da FAU. Na verdade, ele tinha capa e acabamento, mas como as páginas costuradas não estavam muito bem presas e a capa era grande e dura, acabei desmontando pra andar com um sketchbook mais leve e versátil. O papel escolhido por ele foi um vergé 150g, para que eu pudesse usar água à vontade quando pintasse com aquarela. Por ter uma estrutura frágil e ser um caderno bastante delicado e desprotegido, eu sempre o guardava num saquinho, para que não amassasse a capa nem os cantinhos das páginas.

Comecei a usar esse caderno numa proposta da matéria AUT2522 - Técnicas de Visualização e Representação I, que cursei como optativa eletiva. É uma matéria para os alunos do primeiro ano do curso de Design da FAUUSP, que tem o objetivo era estimular os alunos a desenhar mais, conforme aprendessem novas técnicas de representação e experimentassem com diferentes materiais. A orientação era que, além das atividades regulares da matéria, cada um de nós alimentasse um sketchbook com observações diárias e diversos

rascunhos, tentando observar aspectos técnicos de construção de objetos, finalização de produtos, texturas, materiais e design. Podíamos usar o caderno para colecionar alguns exercícios técnicos da matéria como desenhar um avião, um carro, uma moto, uma garrafa. Mas o objetivo era que usássemos mais o sketchbook e o mantivéssemos sempre à mão para rascunhos cotidianos.

Assim, comecei o semestre inaugurando esse caderno desenhando na capa o próprio caderno com sua capa que tem o próprio caderno desenhado. Acho que a ideia era ilustrar na capa que esse era um caderno sobre esse caderno, sobre seus rascunhos e processos criativos. E logo na primeira página pintei uma cena clássica da minha relação com a aquarela: a prancheta de corte azul claro, sobre a qual trabalho com frequência, e a mini paleta portátil de aquarela em pastilha, em seu estado normal - toda suja de tinta. Também fiz um esboço do mecanismo de fechamento da paleta, que tem uma espécie de dobradiça, fechando o gode sobre as pastilhas.

diário de bordo



Estudos de desenho técnico e observação, composição de ilustração



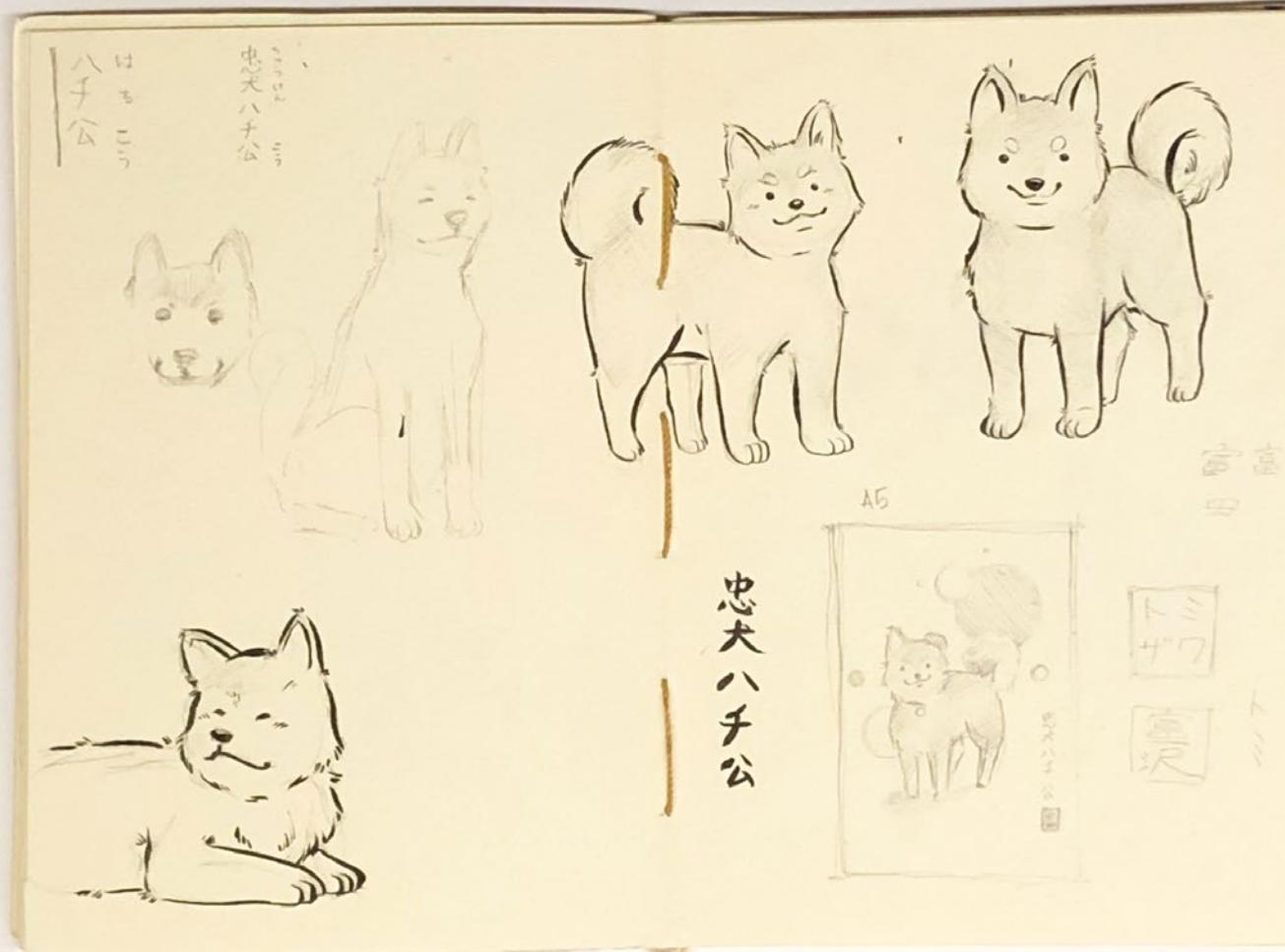
Anotações de viagem por Portugal.

Andava com esse caderno por todo lugar, o tempo todo. Mesmo sendo mais frágil que um caderno comum, esse caderno foi recebendo desenhos de diversas observações cotidianas. Uma palestra que fui assistir, estudos de ilustração para outra matéria optativa da arquitetura, uma plantinha na sorveteria, um café. Levei esse caderno comigo para uma viagem em família para Portugal, em Maio daquele ano. Durante essa viagem, fiz pelo menos um desenho por dia. A ideia era registrar algo sensível diariamente, pra que eu pudesse ter as memórias afetivas das paisagens e momentos vividos em família, ao longo dessa jornada pela história dos meus antepassados portugueses,

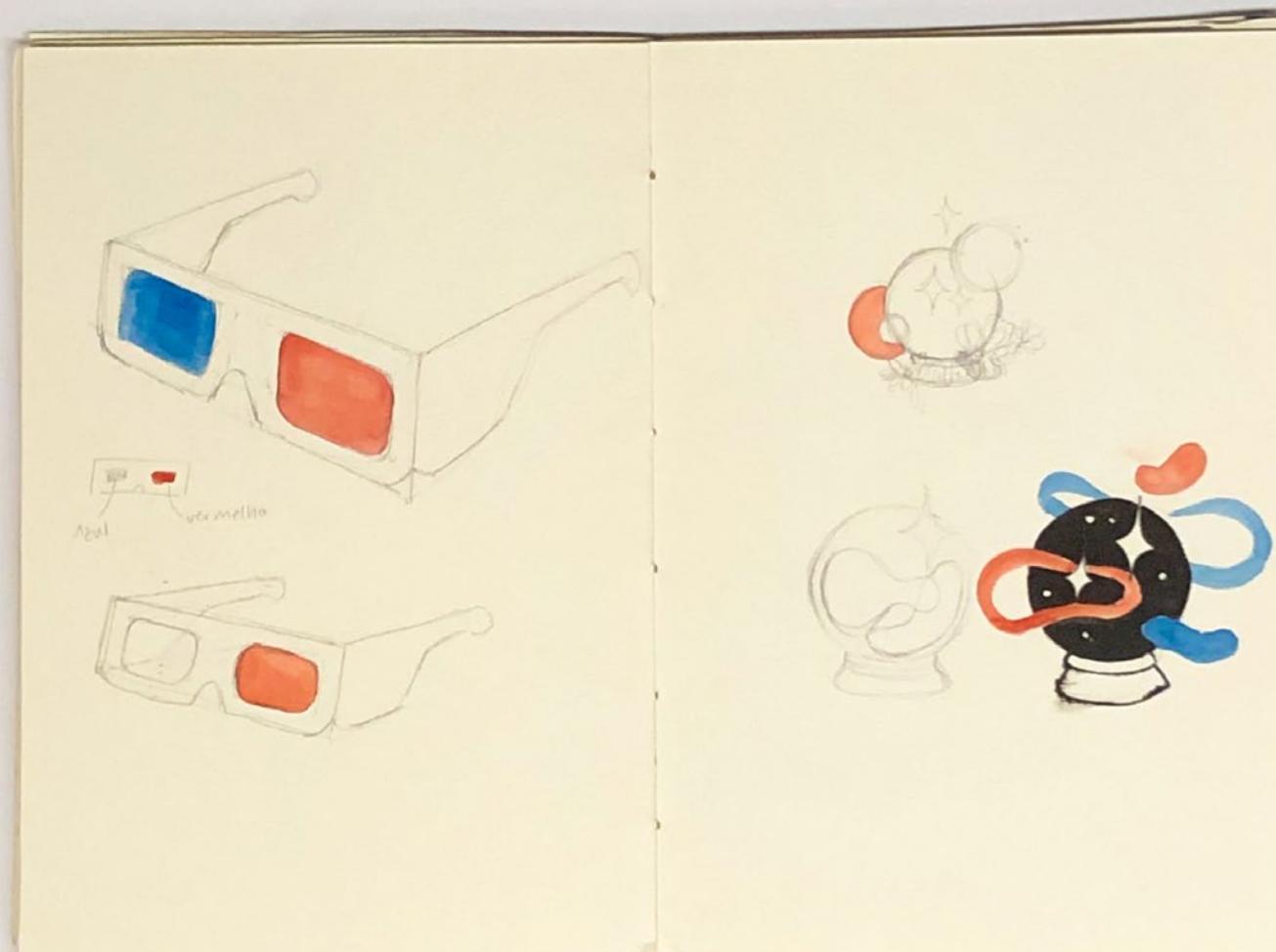
sejam esses registros de uma paisagem vista, um prato típico comido, um marco histórico ou turístico, uma comprinha feita.

Acho que esses registros se tornaram ainda mais especiais porque essa viagem foi de fato uma busca pelas origens da família do meu pai. Entre outras cidades, visitamos a pequena Cadima, cidadezinha próxima de Coimbra com menos de 5 mil habitantes, terra natal do meu avô paterno. Estávamos em busca dos documentos de nascimento e imigração, e registros de casamento e falecimento dele. Encontramos com um primo querido que estava fazendo intercâmbio na

Universidade de Coimbra pelo Instituto de Matemática e Estatística da USP. Passeamos por cidades com uma história rica e profunda, que remonta a origem da economia do azeite e vinho na região do Rio D’Ouro desde a Idade Média, além das cidades mais modernas como Porto e Lisboa, que unem as antigas construções preservadas a um estilo de vida moderno. Nesse percurso, fui registrando nuances das paisagens através da percepção do meu olhar e do meu gesto sobre o papel. Tal qual um álbum de fotos, parte desse caderno conta cronologicamente cada acontecimento dessa viagem em família.



Rascunhos iniciais e suas finalizações.



Depois que voltei e o semestre acabou, o caderno ainda não tinha terminado. Então segui levando-o comigo para demais registros até minha próxima viagem, que estava planejando levar um caderno em branco para começar um novo registro. Nesse meio tempo entre o final do semestre e o intercâmbio para Tokyo, Japão, esse caderno ainda abrigou rascunhos e estudos de ilustrações encomendadas, tatuagens, retratos e estudos pessoais.

diário de bordo

Também nesse caderno, explorando um pouco outros materiais, fiz alguns estudos e experimentos em gouache, fazendo diferentes composições abstratas com cor e elementos geométricos, tentando explorar diferentes formas e criando paletas de cores.

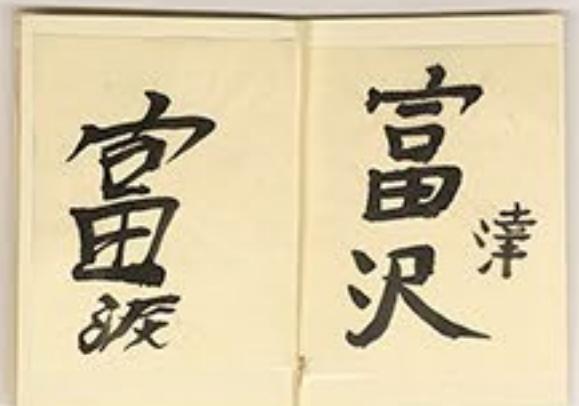
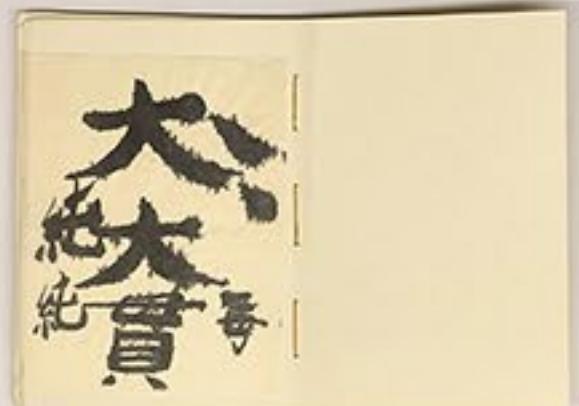
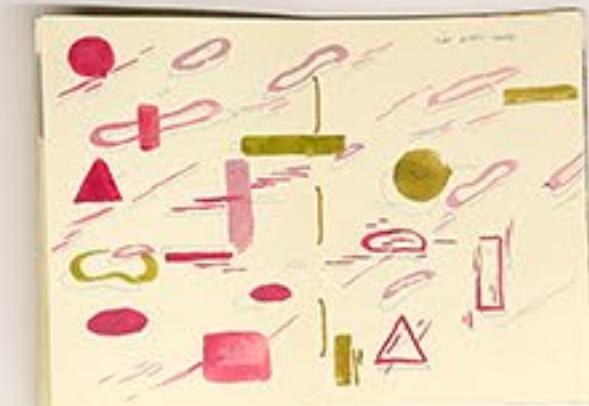
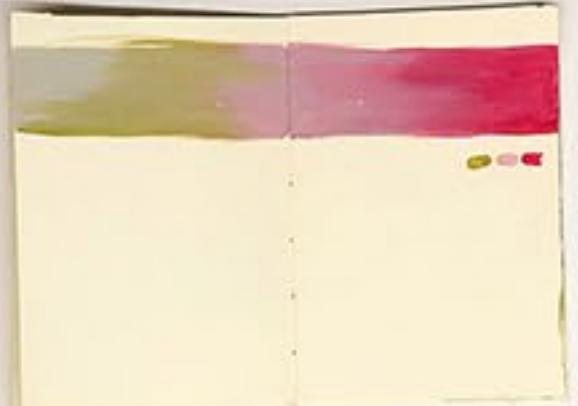
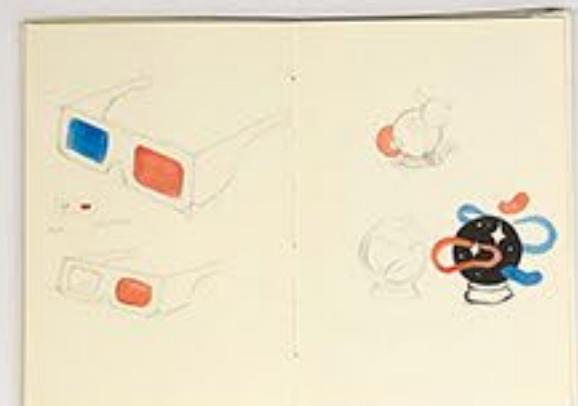
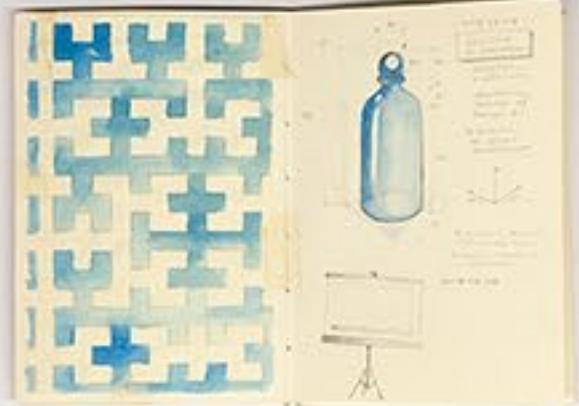
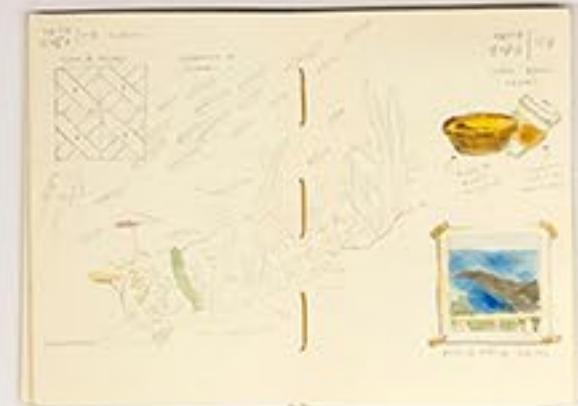
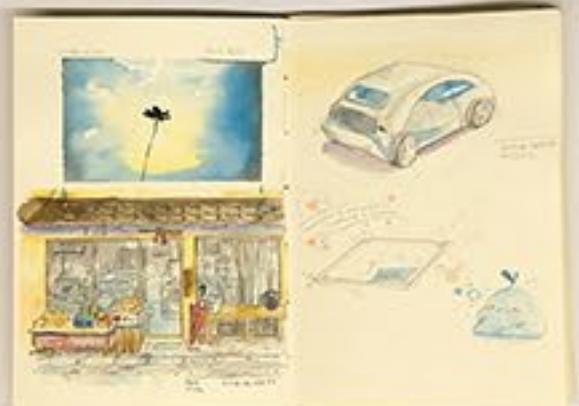
Esse caderno, por ter participado de tantos momentos cheios de sentimentos e memórias, trás muitas lembranças conforme avanço pelas páginas.

Os diferentes estudos técnicos e formas de representação usados nesses registros são interessantes porque em geral eram rascunhos e

anotações muito rápidos, em que eu desenhava e sombreava à lápis, mas usava a aquarela apenas para colorir. Além dessa característica, alguns dos registros de paisagens ou acontecimentos durante a viagem em família para Portugal conseguem me trazer de volta para o momento em que foram desenhados, sentindo o calor de um pastel de nata que comemos juntos, ou a brisa gelada na paisagem entre as montanhas no Vale do Zêzere.

Estudos de composições e paletas para ilustração.





cadernos



pequenos achados da natureza

São Paulo, de 2017/08 a 2017/12

caderno

formato B5, espiralado;
papel para mixed media 160g;
capa de papel e verso em papel couro.

conteúdo

proposta da matéria AUP0345, estudos de observação.

materiais utilizados

aquarela, nanquim, acrílica, grafite, conté,
folha de prata.

pequenos achados

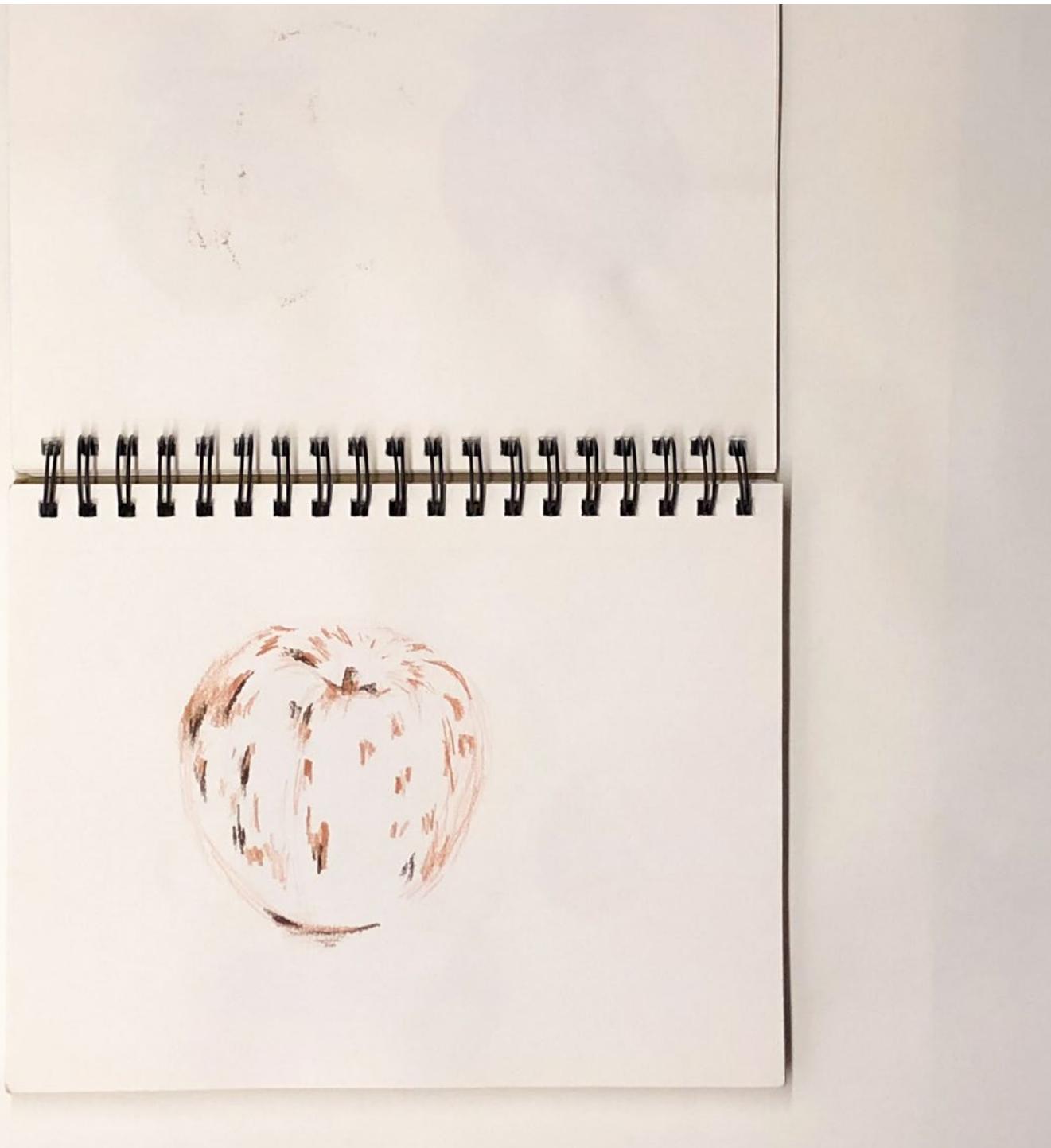


No segundo semestre de 2017 me matriculei na matéria AUP345 - Linguagem do Desenho, oferecida como optativa eletiva para o curso de Arquitetura pelo Professor Feres Khoury. O curso seria dividido em duas partes: na primeira metade do semestre, faríamos estudos de observação de Natureza Morta a partir de pequenos achados da Natureza; e na segunda metade, receberíamos em aula a presença de um modelo para estudos de Modelo Vivo.

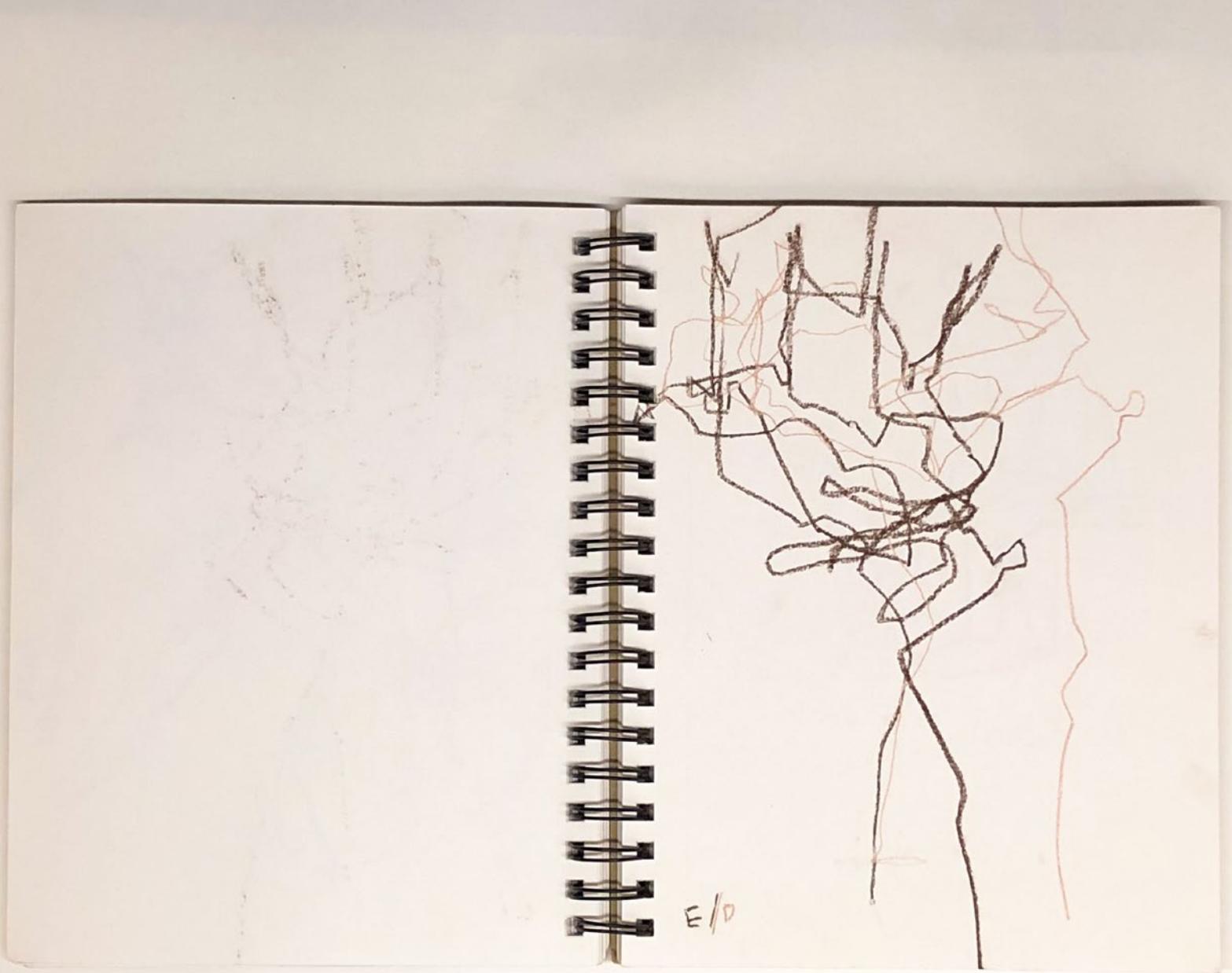
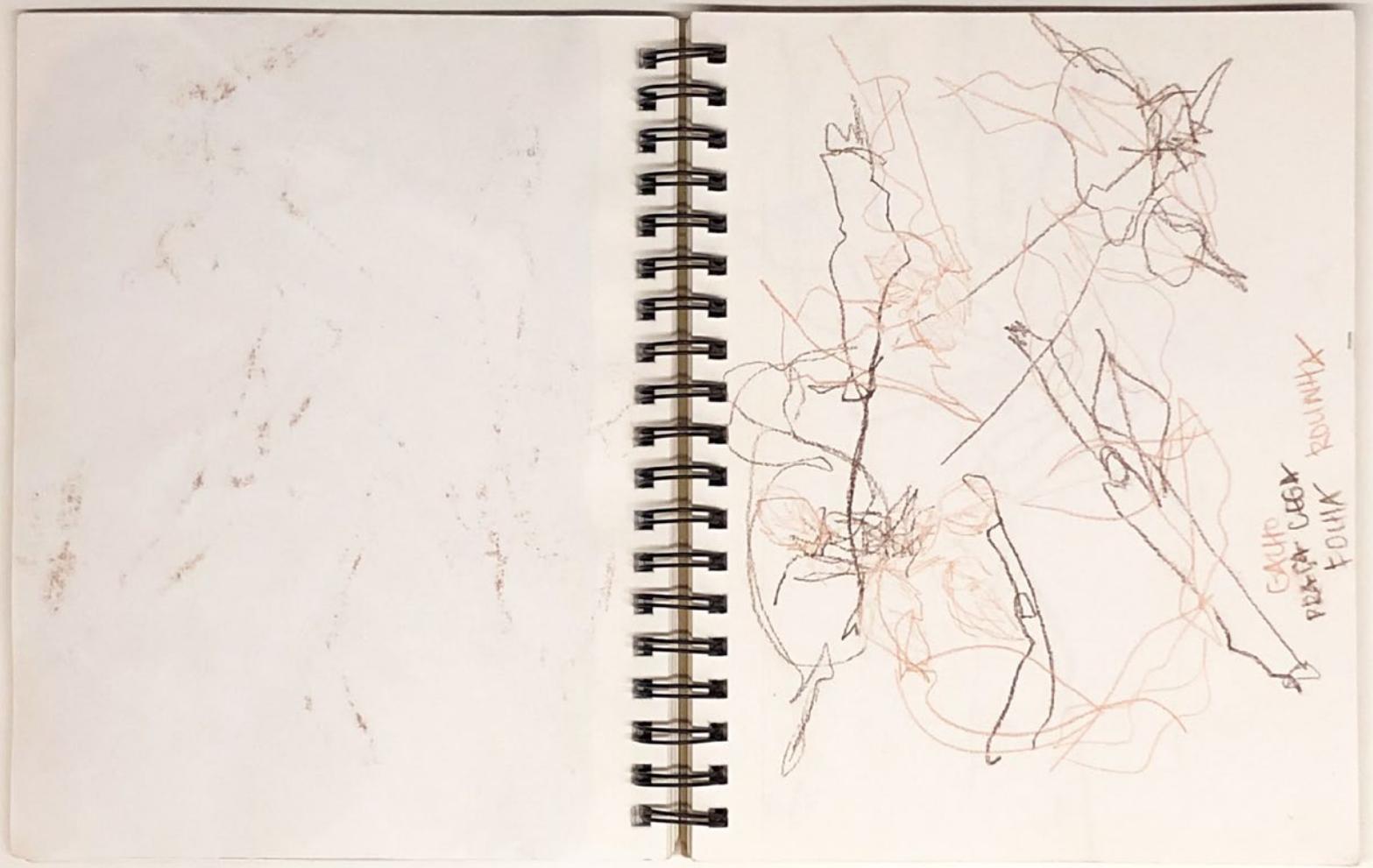
Alguns desenhos dos pequenos achados da Natureza começaram em outro caderno. Por orientação do Prof. Feres, arranjei um outro caderno que tivesse a folha maior, para que pudesse soltar mais o traço, e de forma que todos os desenhos dessa matéria ficassem reunidos em um lugar só. Escolhi um caderno que trouxe do intercâmbio em 2015 mas estava parado em casa desde então. Era um daqueles cadernos que eu achava ser mais ou menos especial pelo formato, maior que um A5 como a maioria dos outros cadernos que costumo ter, e pelo papel para mixed media 160g, muito mais resistente e apropriado para experimentações com tintas que usam bastante água. Como era uma matéria de linguagem do desenho, era o momento perfeito para tirar esse caderno do fundo do armário.

O papel mais grosso permitiu que eu experimentasse bastante com aguadas em aquarela e nanquim, e ainda usasse materiais mais pesados como tinta acrílica. Comecei desenhando os pequenos achados da natureza: uma pétala de flor, uma pedrinha cheia de musgo, um galho, uma folha. Desenhamos maçãs, flores, colegas de sala. O interessante desses desenhos é observar a repetição de um mesmo tema para aperfeiçoar ou entender melhor a forma e os elementos do objeto de estudo.

pequenos achados



Repetição de estudos.



Também aproveitei a oportunidade de ser uma matéria com desenvolvimento criativo bastante livre e fiz alguns desenhos cegos, aqueles em que se desenha olhando para o objeto sem olhar para o papel, como nas duas fotos à esquerda.

O desenho que eu pessoalmente mais gosto nesse caderno é uma lembrança de um amigo querido, o Leandro. Sempre que podemos, saímos para tomar um café e rabiscar, soltar o traço, experimentar com tintas, colagens, trocamos materiais. Leandro é hoje estilista e artista plástico, e nos conhecemos no Ensino Médio, já há mais de 12 anos. Em um desses encontros, estimulada a sair da minha zona de conforto da usual aquarela, fiz uma pintura de observação com nanquim e detalhes em branco em gouache e acrílica de uma pose que ele fez com as mãos para mim.



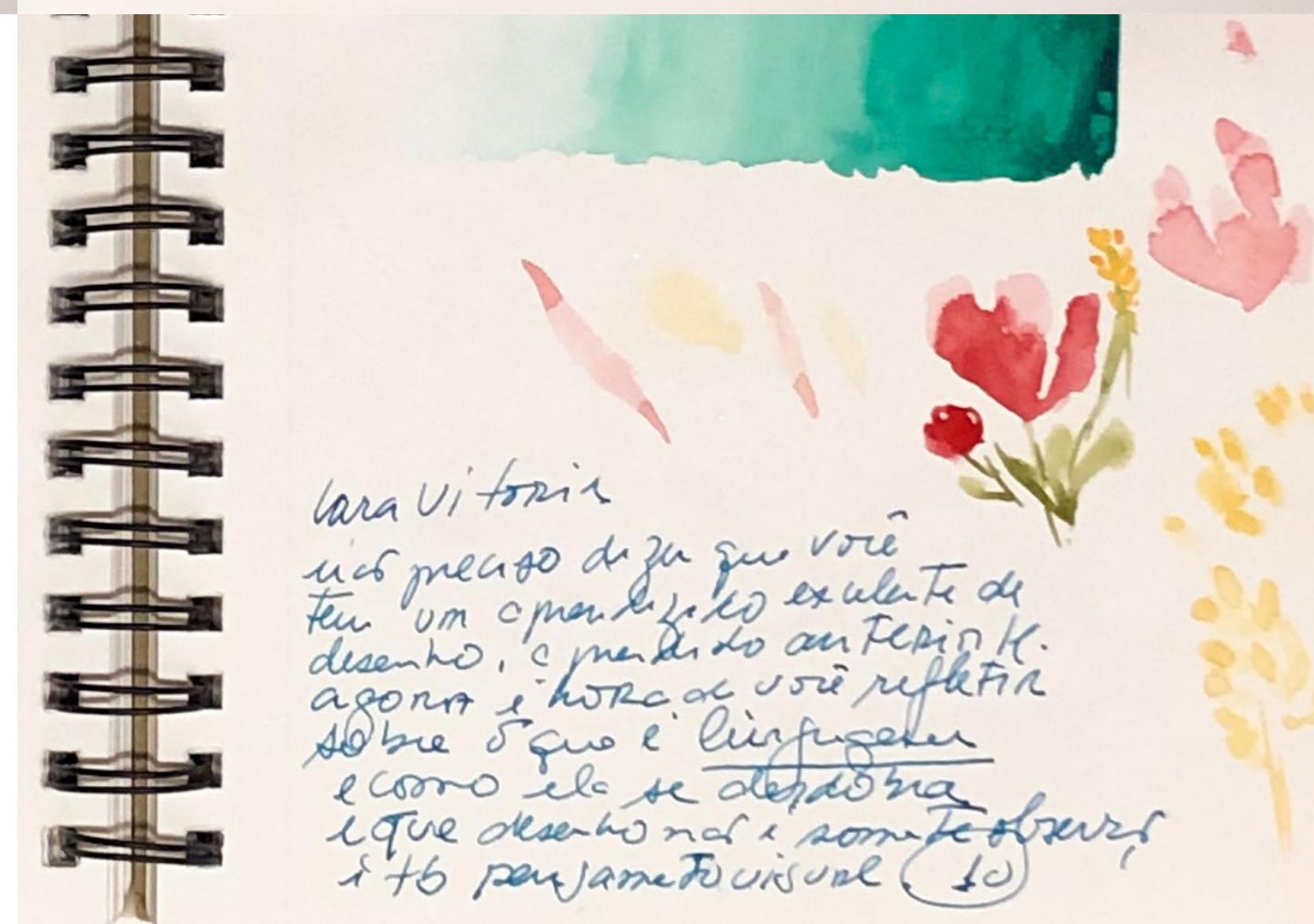


Desenhos de modelo vivo em conté, nanquim e aquarela, respectivamente.

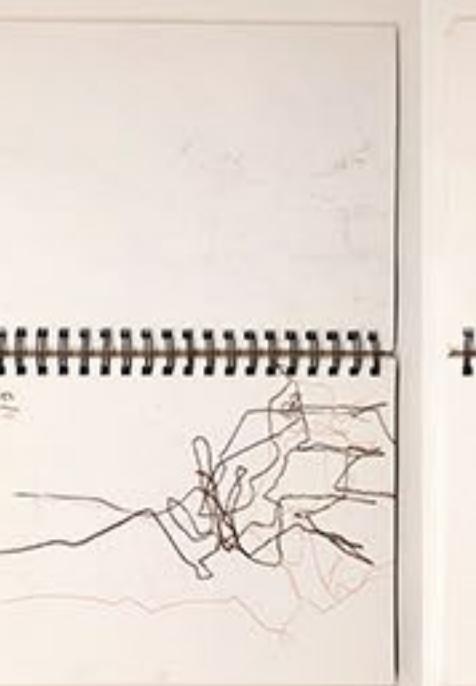
A partir da segunda metade do semestre, passamos a receber a presença de um modelo vivo, todas as aulas. Em geral, os desenhos produzidos durante a aula eram feitos em papel A3 e eu os reunia numa pasta, para que ficasse agrupados. De desenhos rápidos a poses longas, fomos colecionando nossos esboços ao longo do semestre. No final, eu ainda fiz alguns sketches rápidos no caderno, à lápis, nanquim e aquarela. Por fim, cada aluno selecionou os desenhos de modelo vivo que mais gostou, e apresentamos nossos trabalhos desenvolvidos ao longo do semestre em passe-partout.



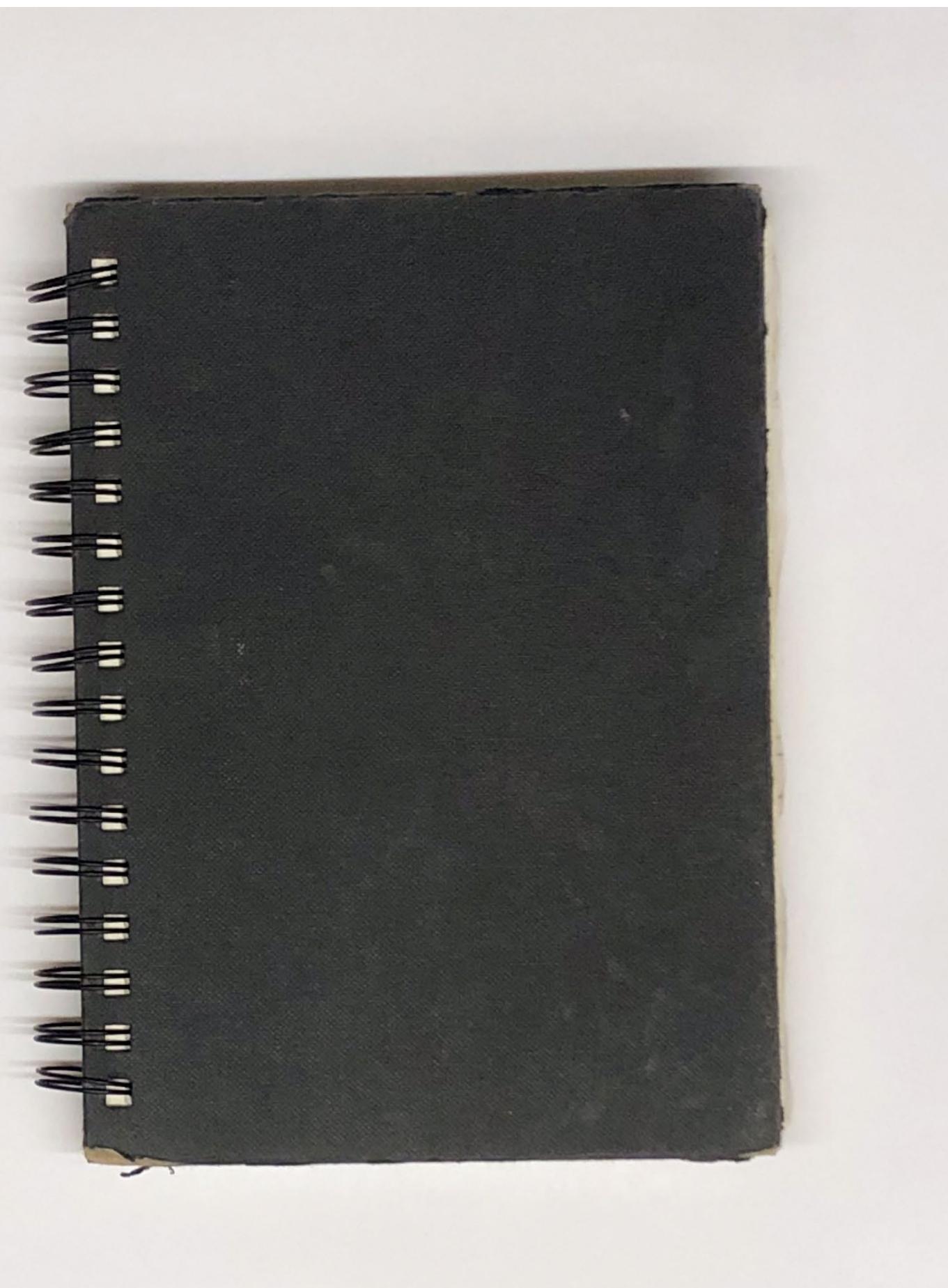
Desde 2014 eu não fazia um caderno inteiramente dedicado a um único projeto ou tema. O que foi legal nesse processo criativo foi me desafiar a voltar a desenhar natureza morta, saindo um pouco das ilustrações mais fantasiosas e lúdicas, estudando técnicas mais tradicionais e experimentando com materiais diversos, como o lápis conté, folha de prata e tintas acrílicas sobre nanquim e aquarela. Gosto de observar que nessa época eu pegava um mesmo objeto de estudo e fazia repetidos rascunhos ou pinturas para entender melhor a forma, cor, iluminação e texturas desse objeto.



E um detalhe que sempre me faz repensar sobre a intenção no ato de desenhar é a mensagem deixada pelo Prof. Feres no final do curso, quando avaliou o material produzido ao longo da matéria para que eu pudesse “refletir sobre o que é linguagem e como ela se desdobra, e que desenho não é somente observação, é também pensamento visual”.



cadernos



sketchbook estudos de ilustração

Orlando e São Paulo, de 2017/01 a 2017/11

caderno

formato A5, espiralado;
papel pôlen 90g;
capa dura.

conteúdo

ilustrações e desenhos pessoais

materiais utilizados

aquarela, nanquim, grafite, conté.

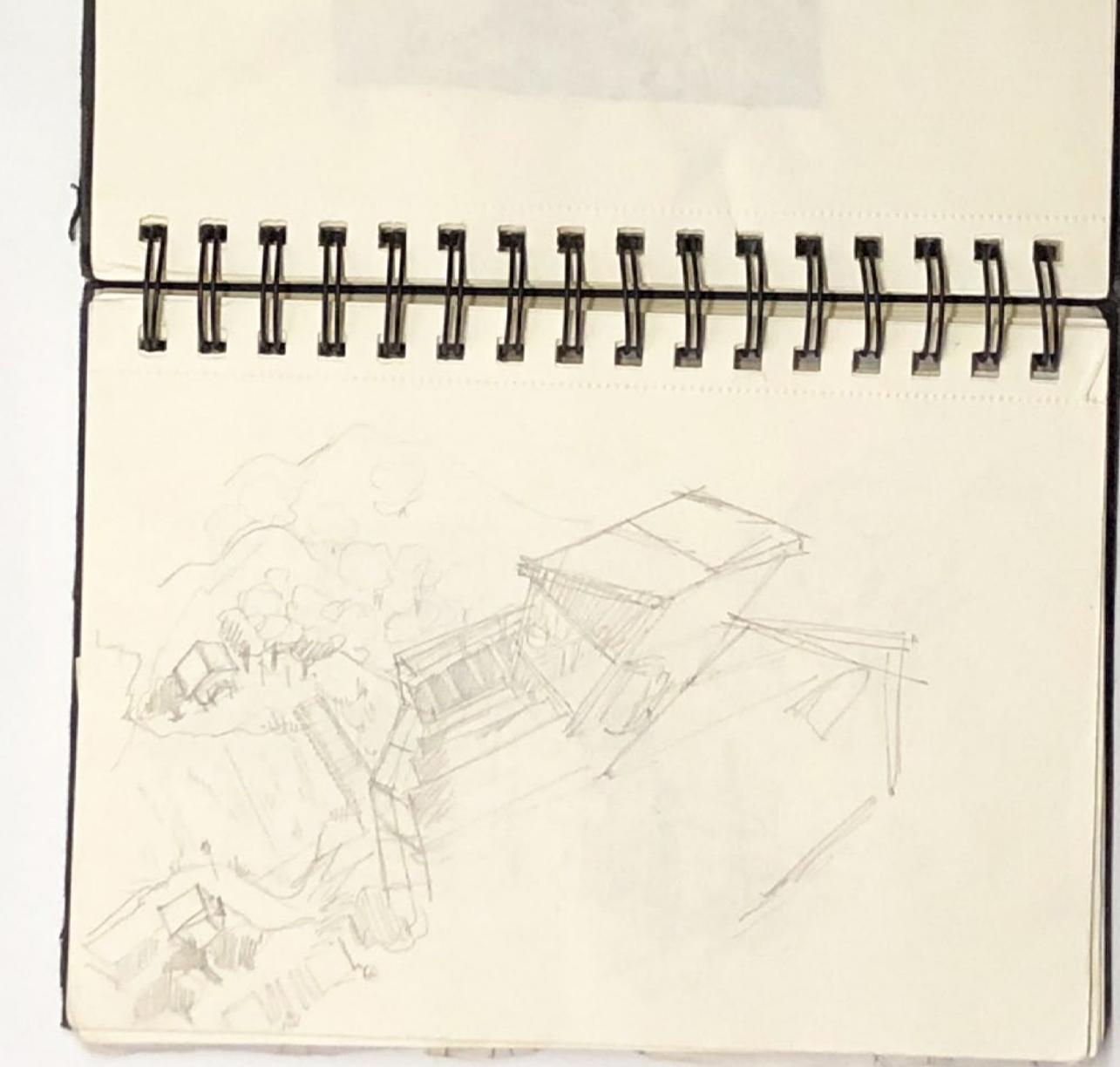
sketchbook estudos



Esse caderno começou durante um intercâmbio cultural de trabalho que fiz para a Walt Disney World Resorts em Orlando, através de um programa para universitários. O caderno anterior que eu estava usando tinha acabado, e lá em Orlando eu estava sem nenhum sketchbook. Passeando pelo supermercado pra minhas compras semanais, me deparei com um corredor só de materiais de arte. Claro que, por estar no corredor do supermercado, esses materiais eram mais voltados para um público escolar e infantil, mas me chamou a atenção esse caderninho A5 espiralado da Daler Rowney. O papel não era muito grosso, mas era bem poroso e creme. Custava pouco mais de 5 dólares, resolvi experimentar.

Naquela época, ainda trabalhando num hotel da Disney, conseguia parar muito pouco para desenhar. Bastante inspirada por artistas que eu sigo no instagram e outras redes sociais desde aquela época, fazia rascunhos de desenhos lúdicos e fantásticos. Esses artistas tinham um uso de aquarela com bastante sobreposição de camadas e recortes que eu admirava muito e estava estudando a técnica para ter um resultado semelhante.

Como a maior parte dos desenhos eu fazia inspirada pelo ambiente de um café e presença de amigos, usava muito uma paletinha de viagem da Windsor & Newton e um pincel de água que carregava sempre comigo. Mesmo que o papel não fosse super adequado para pinturas em aquarela, foram muitos estudos que, pessoalmente falando, geraram resultados bem legais. Logo no começo desse caderno, parti para a criação de composições com poucas cores, limitando a paleta para tentar criar contraste com um amarelo bem ácido e um azul intenso.



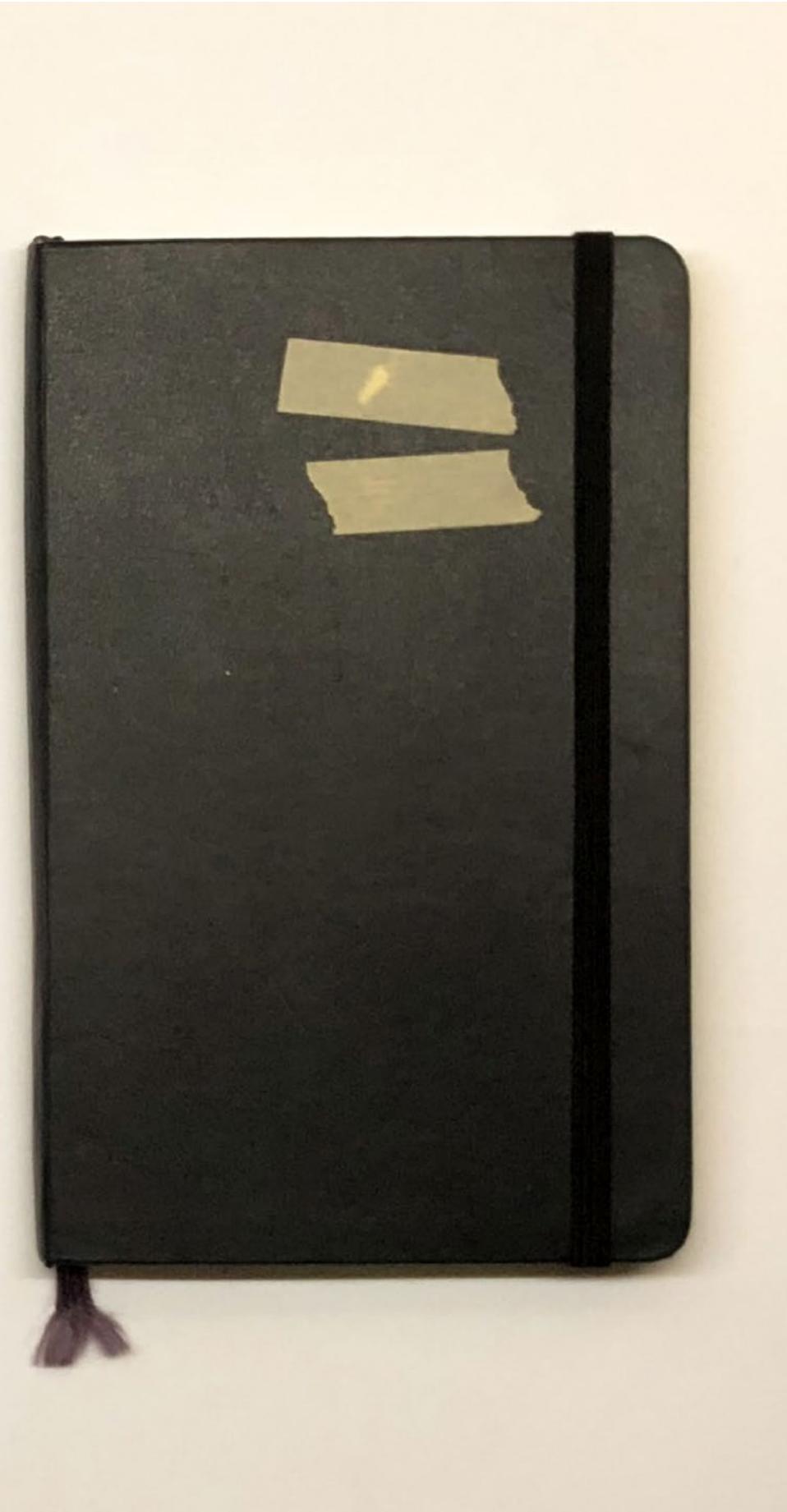
sketchbook estudos



Aos poucos, conforme cada desenho, ia incluindo mais cores à paleta e estudando novas formas de fazer sobreposição e recorte. Alguns desenhos não tinham linhas, outros apenas para alguns detalhes e em grafite, pra que ficasse bem discreto e suave. Alguns desenhos usava linha em nanquim para colocar mais contraste e peso visual no contorno das formas. Tentei fazer pequenos contos de histórias em tirinhas, estudei perspectivas e paisagens, fiz retratos e desenhos de observação.

O que eu particularmente gosto sobre esse caderno é que ele foi preenchido com muitos estudos distintos e, no fundo, cada um deles me trouxe um desenvolvimento ou uma ideia do que eu gosto ou não gosto de fazer no desenho e na ilustração. Esse caderno tem registros que ascendem muitas memórias desses momentos vividos entre conversas e cafés com amigos, observações em aula e estudos de pintura e composição.

cadernos



moleskine preto

Tokyo, Hiroshima, Kyoto e São Paulo,
de 2019/09 a 2020/04

caderno

formato A5, brochura;
papel pólen 160g;
capa dura e elástico externo.

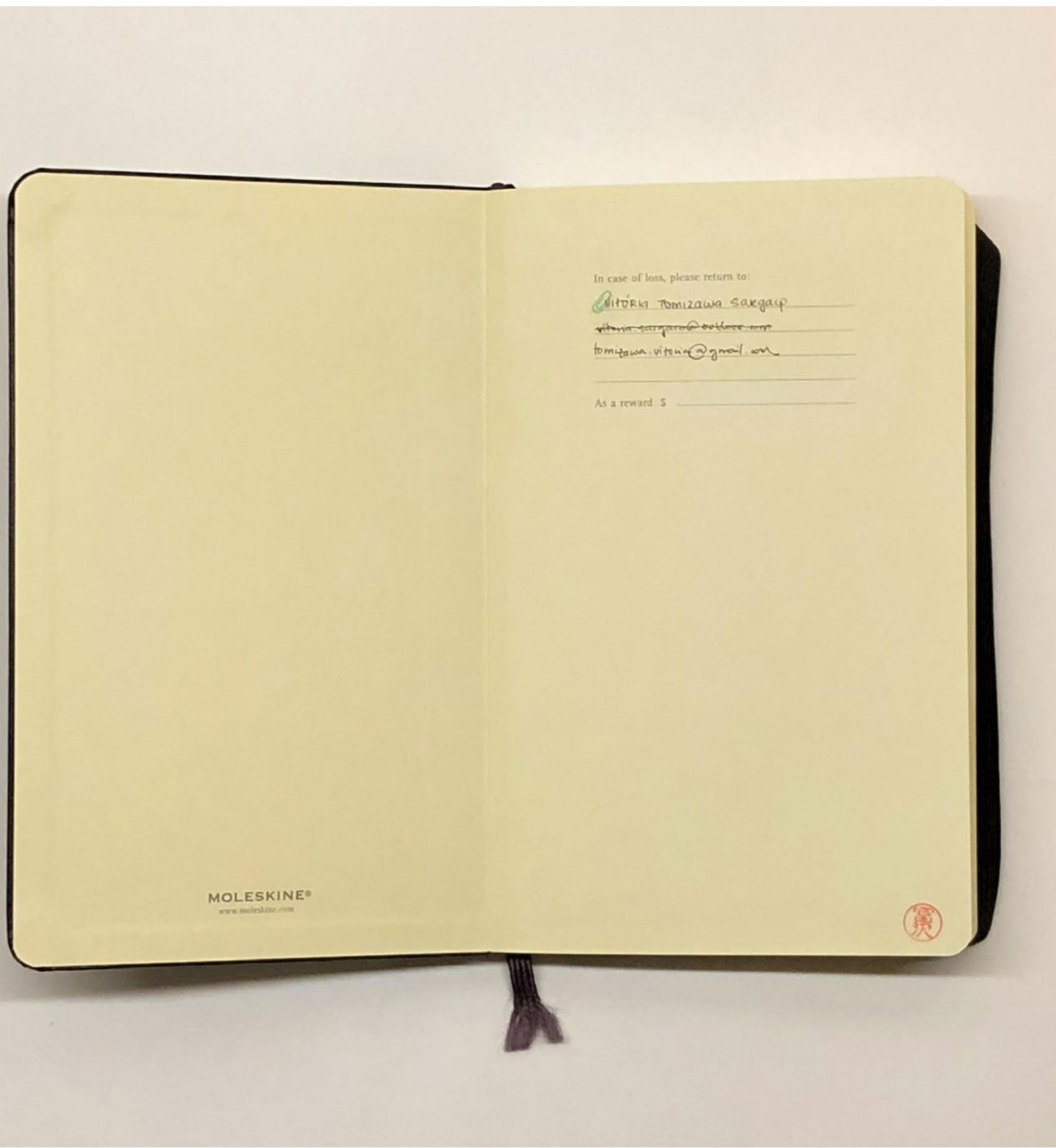
conteúdo

diário de bordo em Tokyo, anotações da matéria Experimental Photography na TMU, carimbos de locais turísticos, rascunhos de projetos pessoais e ilustrações.

materiais utilizados

aquarela, nanquim, grafite, gouache.

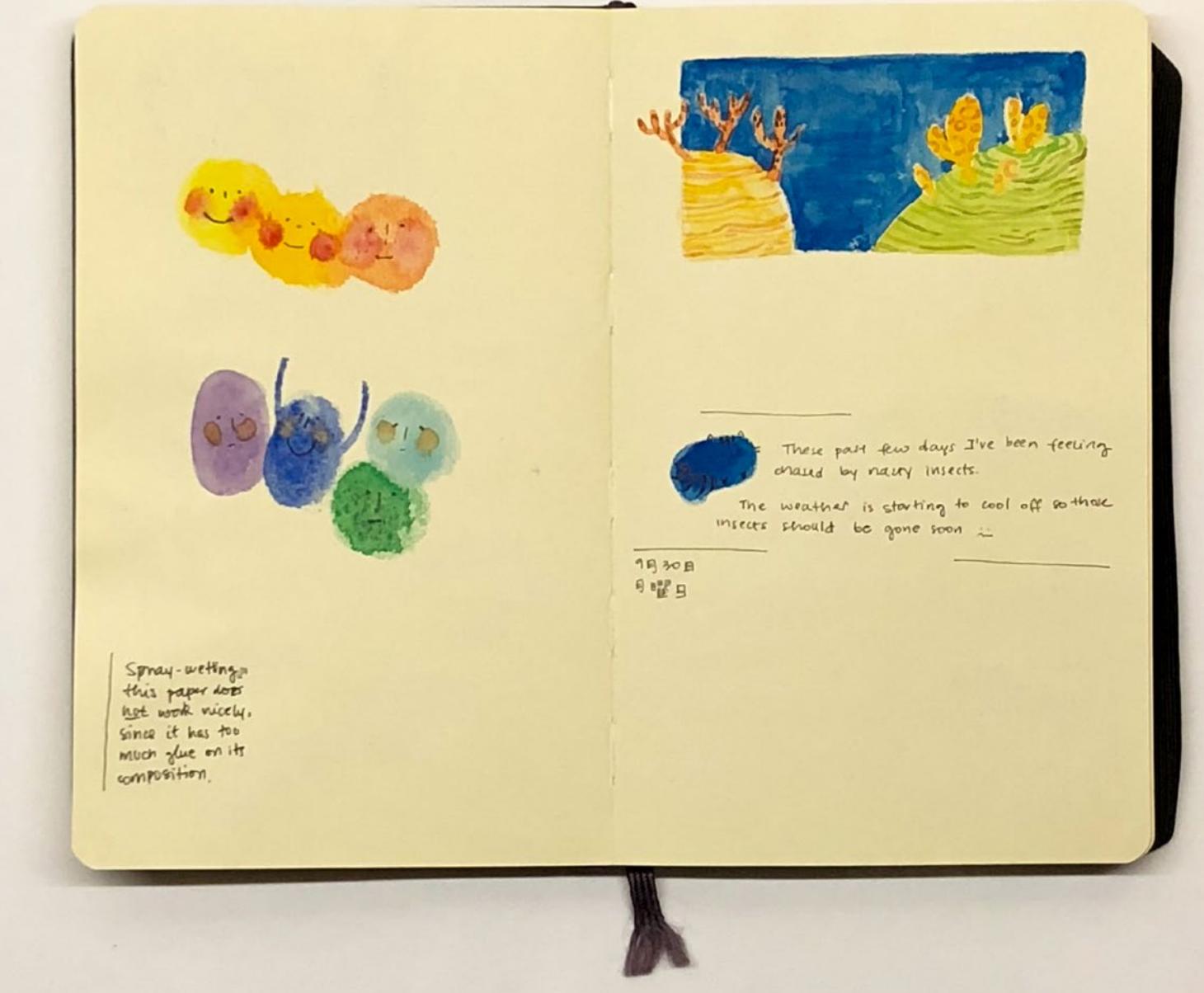
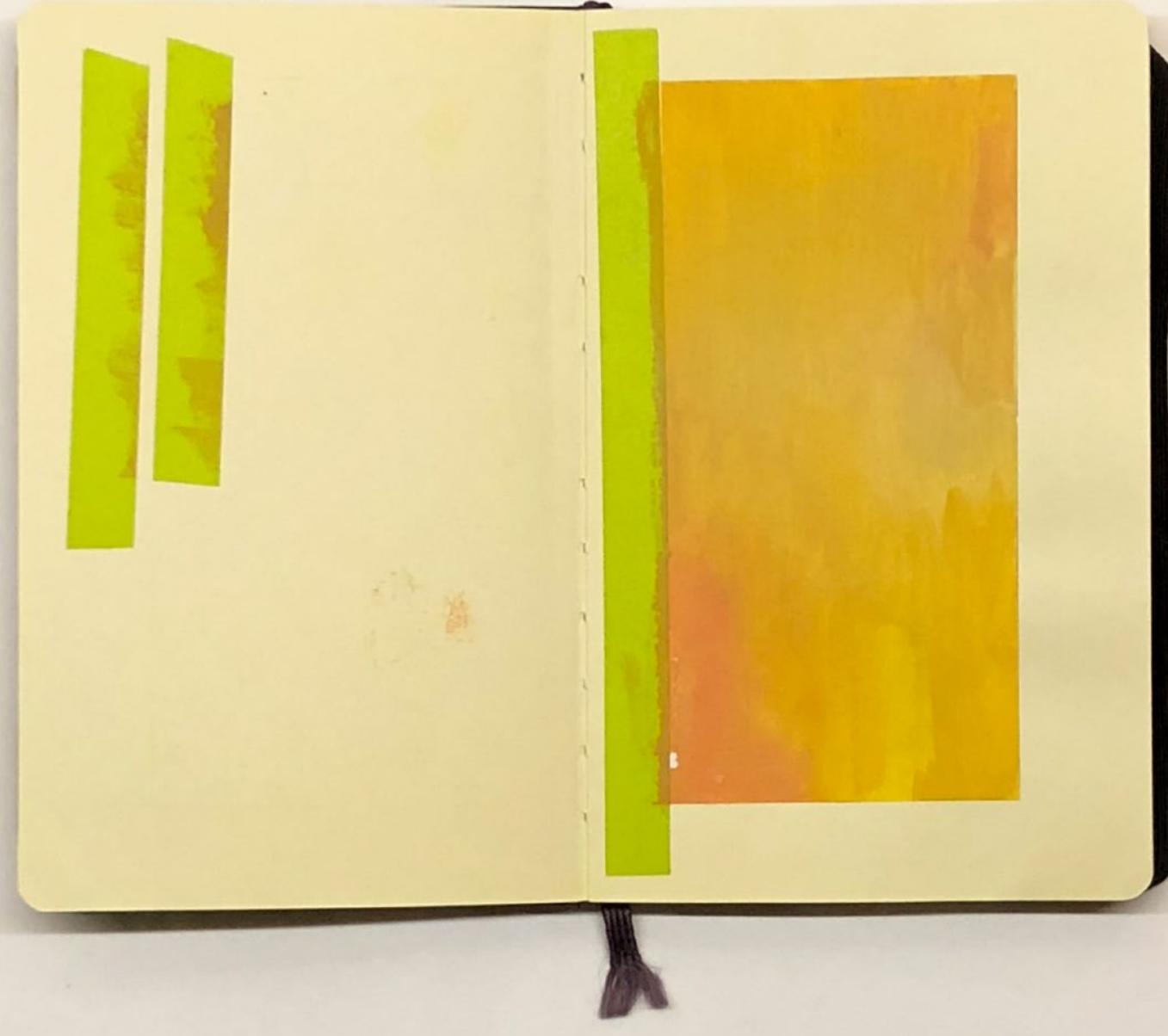
moleskine preto

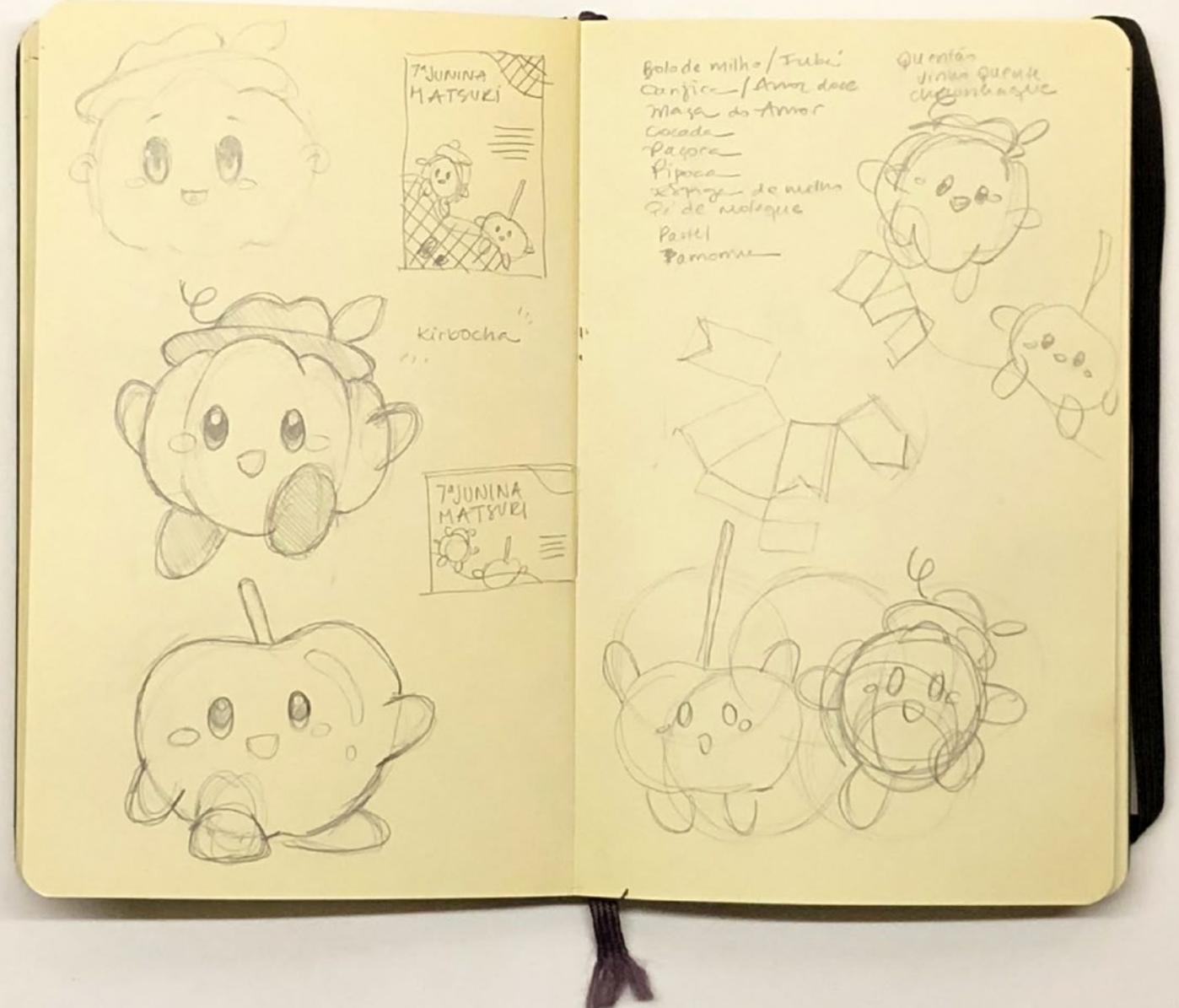


O moleskine preto é meu mais recente caderno de rascunhos. O escolhi para me acompanhar durante meu intercâmbio para Tokyo. Achei que sua capa mais dura e resistente, seu papel pôlen mais grosso aguentaria mais aguadas de aquarela e o elástico o manteria sempre fechadinho dentro da mochila. Infelizmente, o papel para sketch oferecido pela Moleskine, apesar de ter um peso bom, tem muita cola, e acaba não sendo tão adequado assim para pinturas.

Logo nos primeiros rascunhos do caderno, quando estava testando um novo estojo de aquarelas da Mijello, percebi que o papel não seria adequado para criações e composições com muitas aguadas e camadas, já que o papel não absorve bem a água nem a tinta. A intenção inicial era fazer desse caderno um diário de bordo da viagem, em que eu pudesse rabiscar e registrar coisas do meu cotidiano na universidade no Japão. Mesmo que um pouco desanimada pela qualidade do papel, insisti e continuei usando o caderno.

moleskine preto





Acima, estudos do mascote para pôster de Festa Junina; abaixo, a ilustração vetorizada do mascote.

Além de algumas anotações de aula, aproveitei o caderno para fazer testes de composições de ilustrações que pretendia fazer. Mesmo estando do outro lado do planeta, ajudei a desenvolver a comunicação visual da Festa Junina que nosso grupo da Associação Nikkei de Santo Amaro íamos fazer. Para isso, desenvolvi primeiro os personagens do nosso mascote, uma abóbora, e a maçã do amor para entrar no clima de Festa Junina. Depois, inspirada pela linguagem dos cartazes das Olimpíadas de Tokyo 2020, desenvolvi as demais peças. Acho legal ver os primeiros rascunhos e ideias do mascote, que passou por inspirações em outros personagens de jogos

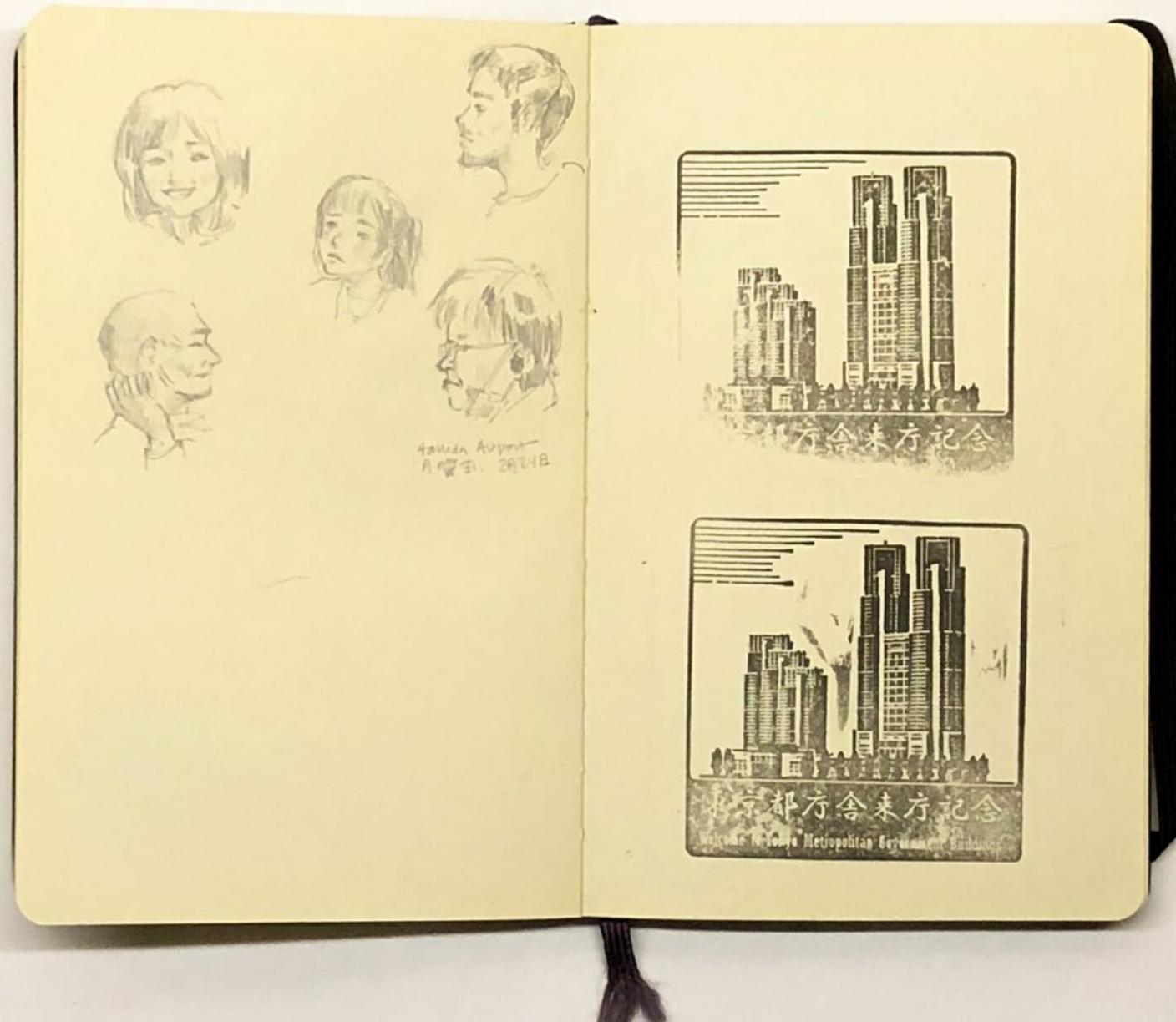
japoneses como Kirby e Pokémon, até o resultado final dela digitalizado. Esse ano, por causa da Pandemia, acabamos não fazendo a festa acontecer, mas as peças criadas para a divulgação do evento ficaram bem legais.



moleskine preto

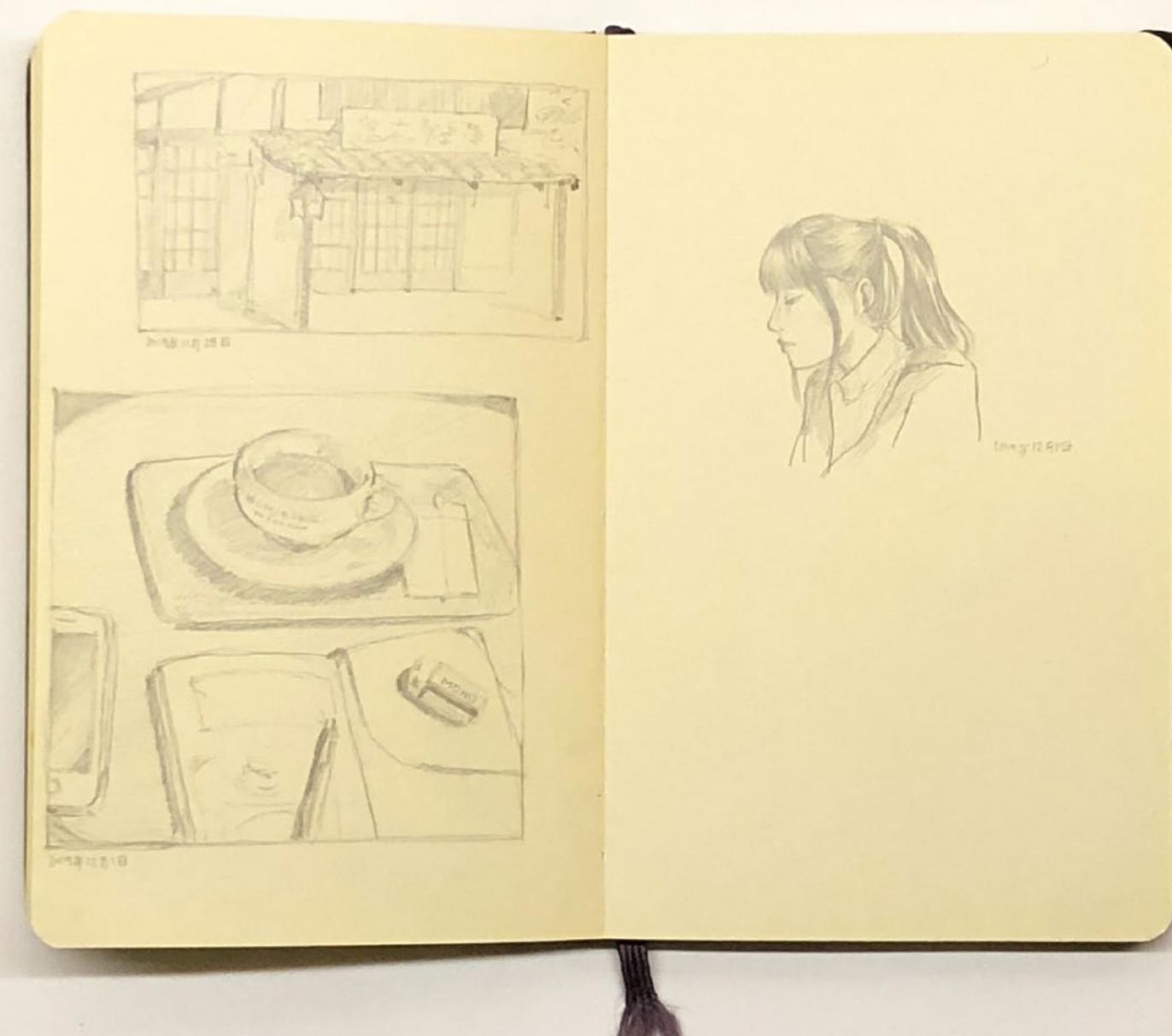
Ao final do curso, fiz uma viagem por algumas cidades do Japão com meus pais e minha irmã. Nesse percurso, assim como o caderno que viajou por Portugal, consegui fazer registros bastante sensíveis do nosso encontro com as origens. Meu avô paterno é nascido em Tokyo. Minha avó, nascida no Brasil, também é descendente. Minha mãe, portanto, também descendente, assim como minha irmã e eu. Foi muito legal essa trajetória porque pudemos perceber tantas semelhanças na nossa cultura como nikkei, mesmo o Brasil estando no extremo oposto do globo terrestre.

Durante a viagem, passamos por Tokyo, Kyoto, Osaka, Hiroshima e Miyajima. Alguns lugares, além dos meus registros desenhados que usualmente faço, também encontrei carimbos com marcos turísticos ou históricos de algumas cidades. Alguns rascunhos foram idéias durante o trânsito entre uma cidade e outra, observando a paisagem correr pela janela do trem-bala ou de dentro do avião, a caminho para casa.



moleskine preto

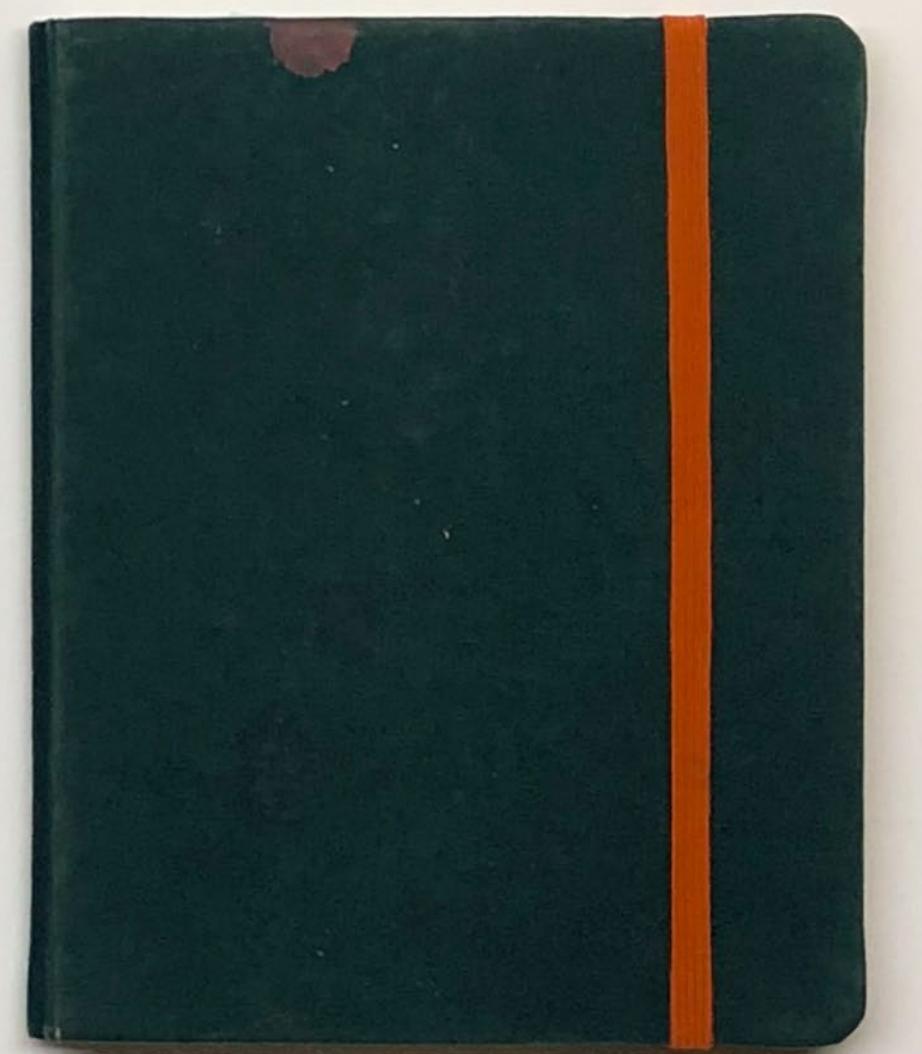
Depois de retornar ao Brasil, esse caderno ainda foi suporte para alguns estudos de ilustração e design. De quarentena em casa, aproveitei para assistir alguns cursos online de desenho e criação de personagem, testes de composição, testes de cores e estudos de paletas. Também aproveitei para alguns projetos pessoais, e trabalhei na renovação do logo do grupo do Taiko Suiryuu Daiko, estudando alguns rascunhos iniciais à mão.



Esse caderno, apesar de ser um moleskine e eu inicialmente ter altas expectativas sobre a qualidade do papel, conseguiu reunir diversos estudos interessantes e pequenas anotações e desenhos de observação do meu cotidiano em Tokyo. Apesar de um pouco desmotivada a pintar com minhas tradicionais e queridas aquarelas, a dificuldade técnica do papel me desafiou a buscar novas soluções tanto na aquarela, usando menos água para pintar, quanto soluções visuais em outros desenhos, em que passei a usar canetinha, gouache, grafite e nanquim para expressar minhas observações cotidianas e ideias de ilustrações.



cadernos



estudos abstratos

São Paulo, de 2017/11 a 2018/07

caderno

formato B6, brochura;
papel pólen 75g;
capa firme encapada com tecido e elástico externo.

conteúdo

rascunhos, estudos abstratos, colagens.

materiais utilizados

aquarela, nanquim, grafite, conté,
colagem, acrílica.

estudos abstratos



O caderninho verde-escuro começou logo após o sketchbook de estudos de ilustrações espiralado de capa preta. Inspirada pela exposição do Professor e Artista Plástico Feres Khoury, cheio de lindas obras abstratas e experimentais, comecei esse caderno com o intuito de fazer experimentações. Logo na primeira dupla de páginas, fiz uma ilustração bastante inspirada nas belíssimas pinturas em papel em rolo, formato semelhante aos antigos rolos chineses e à Torá. Uma delas contava a história do gênesis, e vinha desde a criação da luz numa pintura radiante.

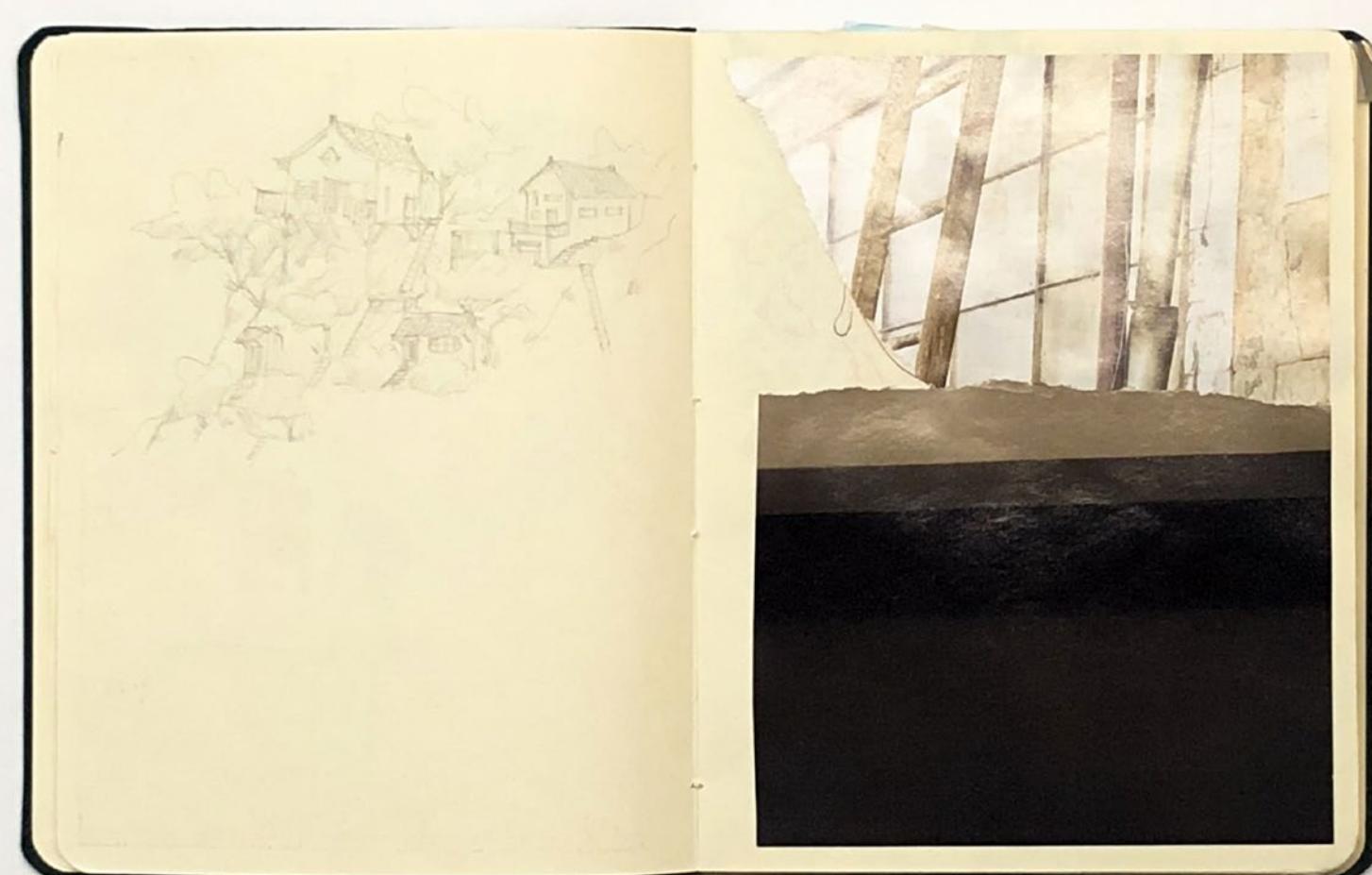
estudos abstratos

Na sequência, fui tentando fazer novas experiências visuais. Uma delas foi uma pintura abstrata em tinta acrílica, resultado da minha interpretação gráfica do som dos tambores do taiko (tambor japonês), traçados em pincel e com espátula, na foto abaixo.

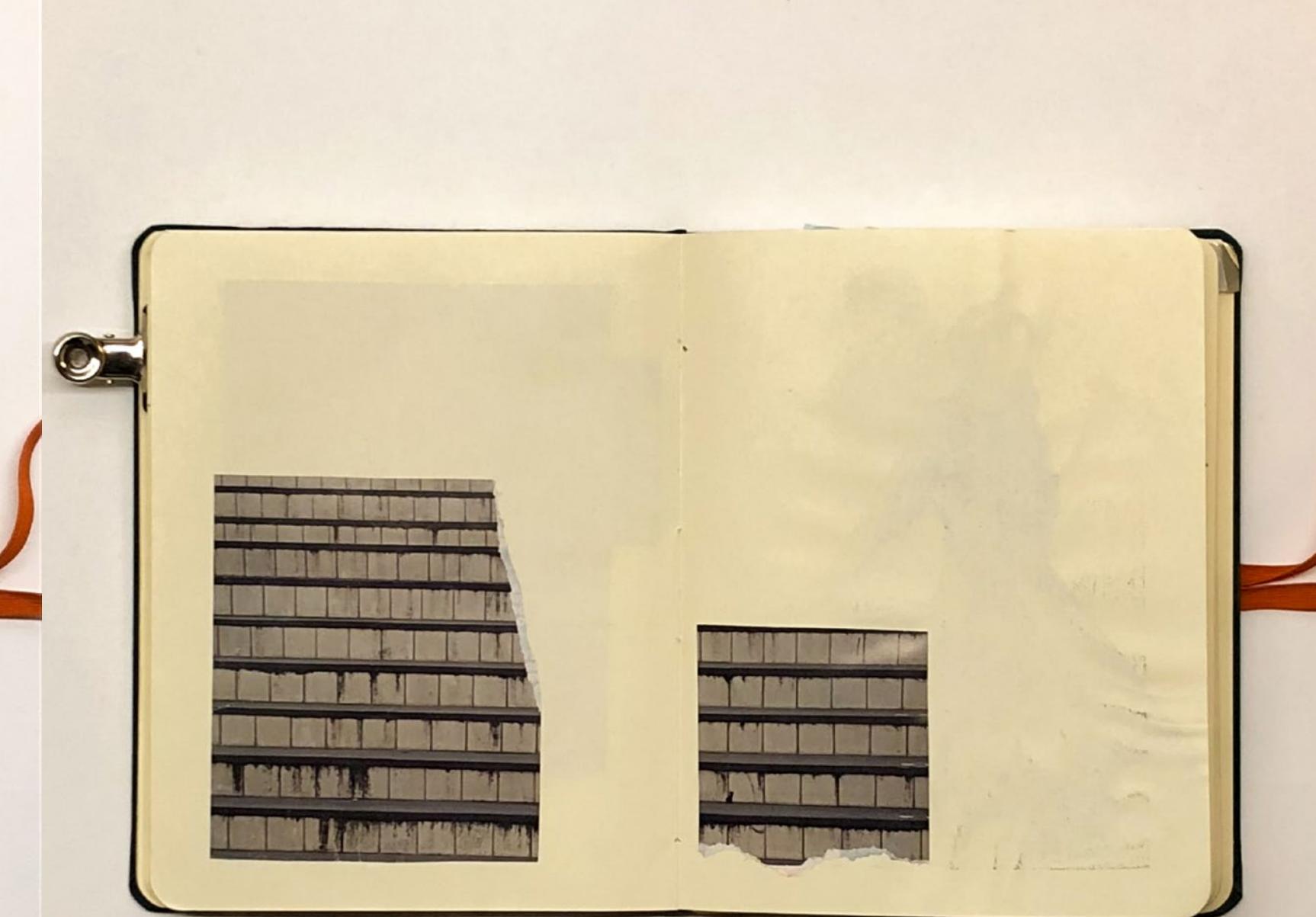


Esse caderno também foi suporte para experimentos com colagens de recortes de revistas, às vezes até somando com desenhos e pinturas, trazendo numa mesma composição diferentes texturas.

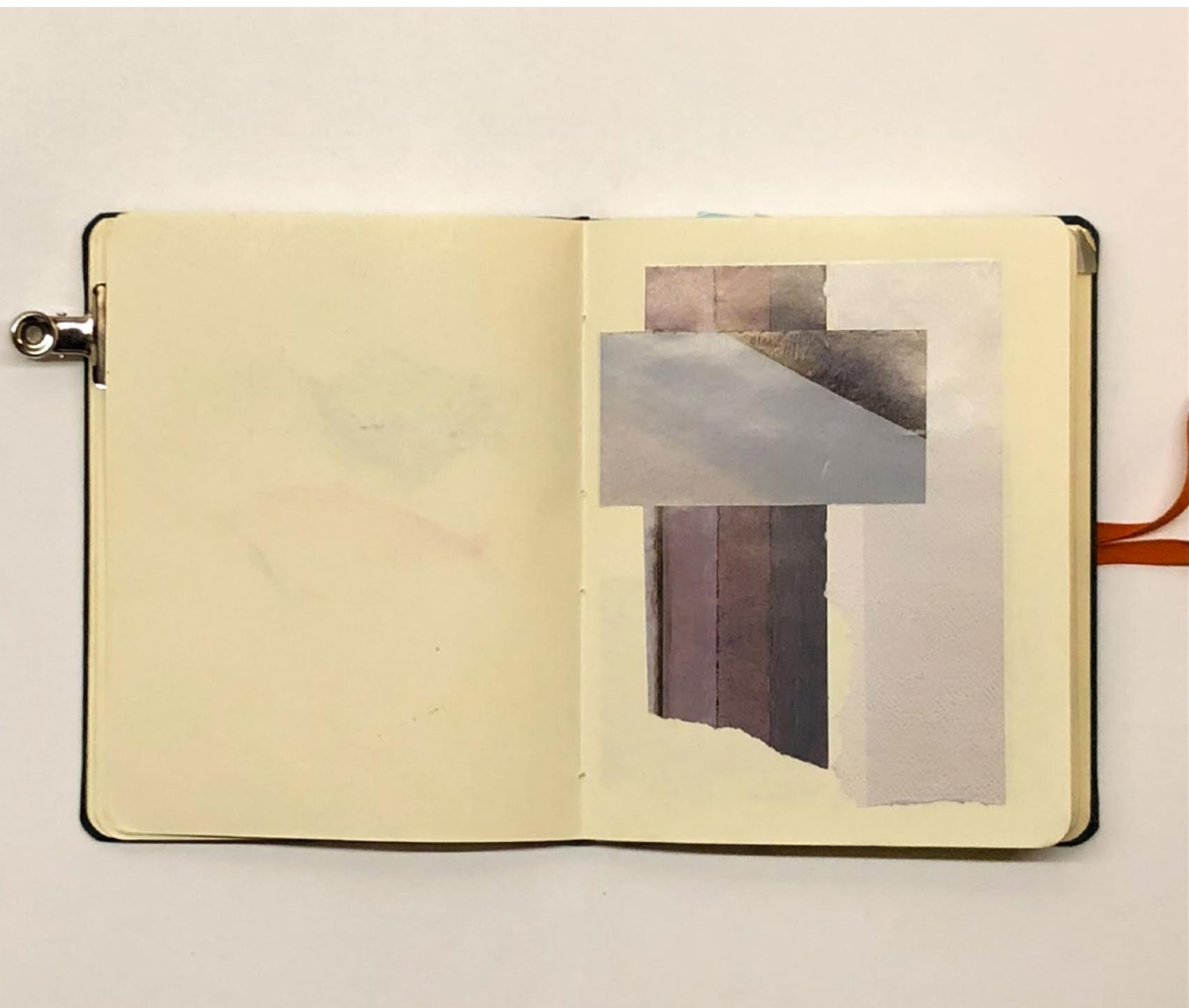
Esse estudo com certeza trouxe uma experiência nova pro olhar. A busca pelo recorte em páginas impressas de revistas, jornais, folhetos, a escolha e

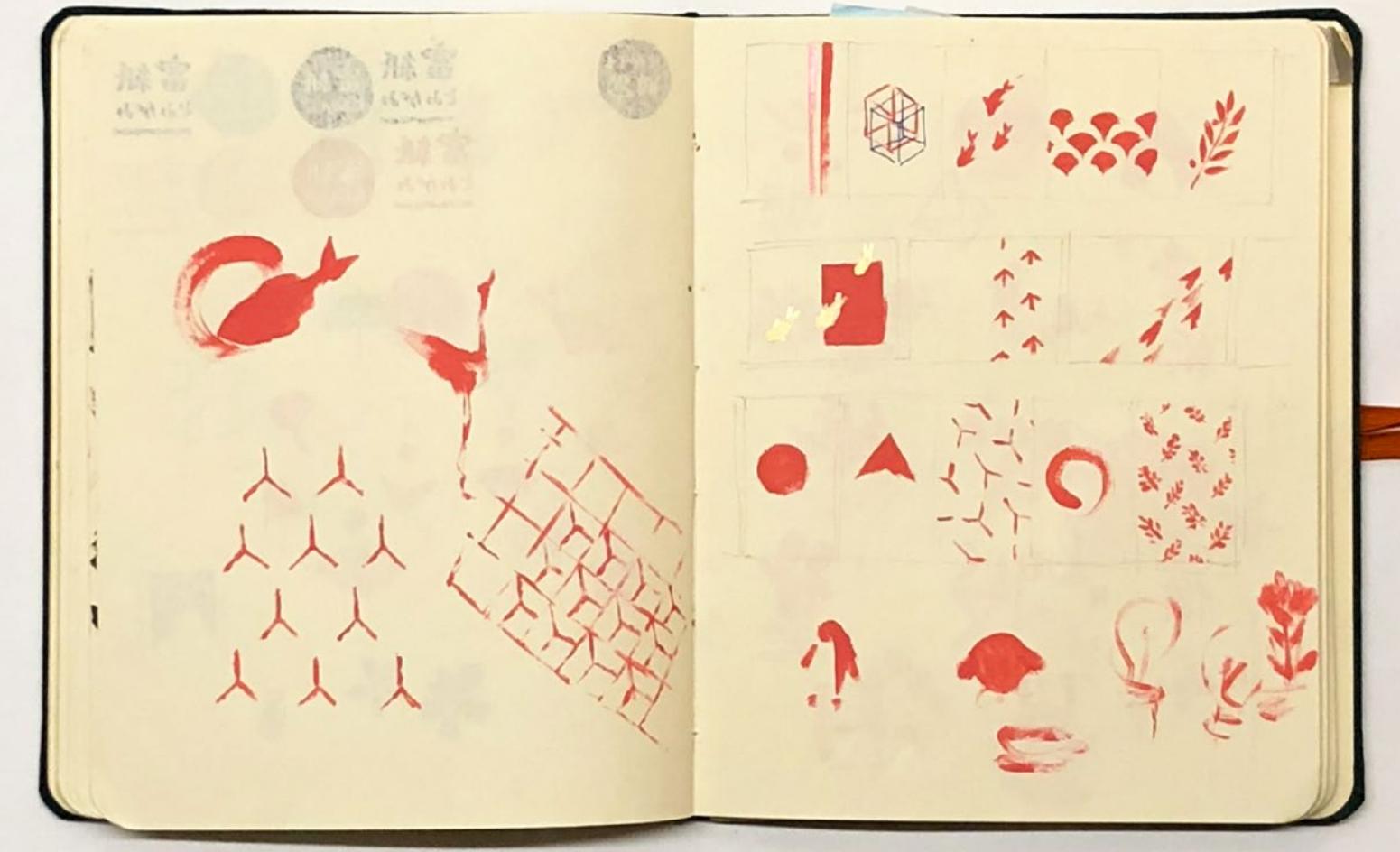
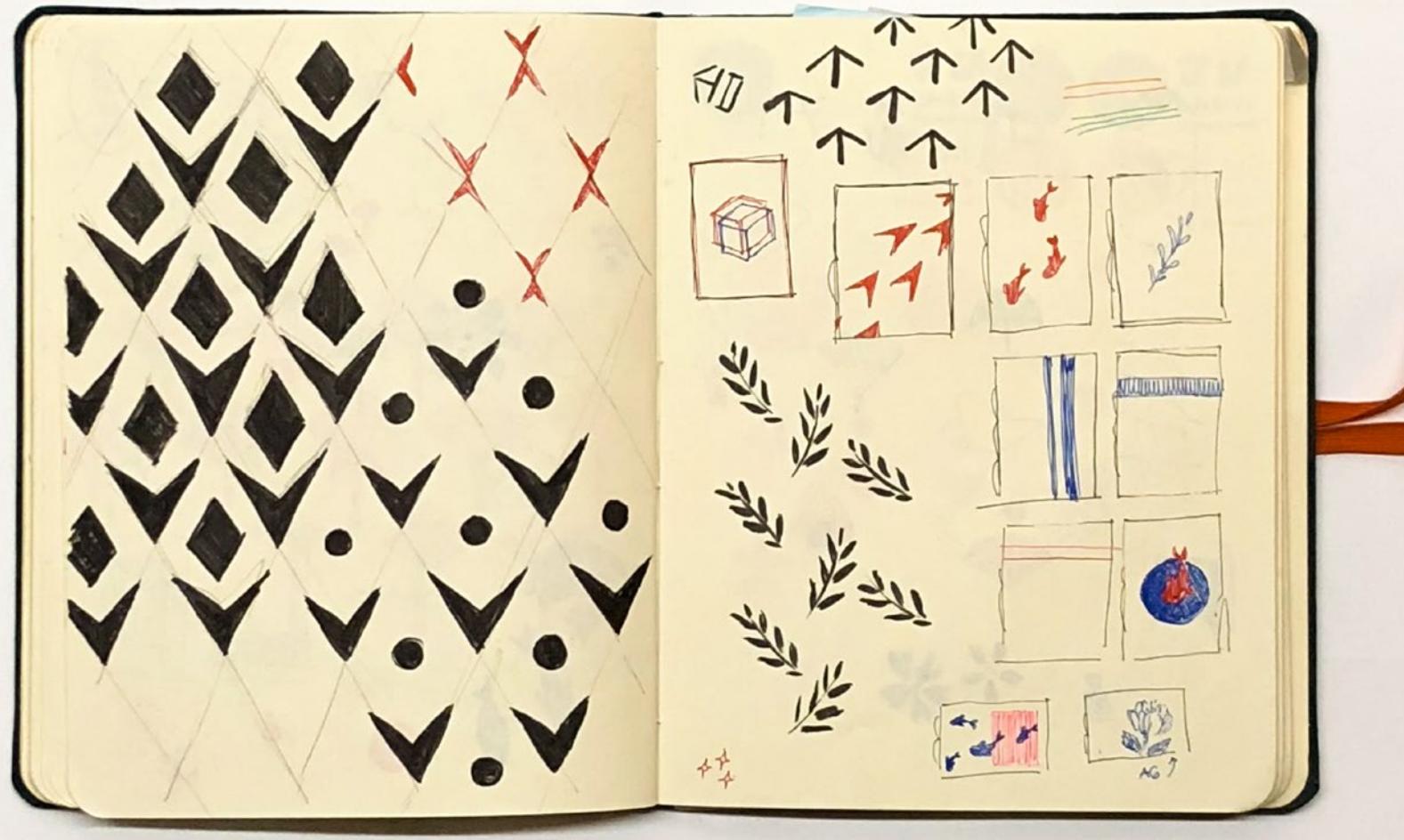


posicionamento desses pedaços de publicações para compor uma imagem no caderno, seja abstrata ou figurativa, foram pequenos desafios visuais que se tornaram composições gráficas interessantes. Por ter a característica de um papel mais fino e poroso, esse caderno nem sempre aguentava bem as aguadas de tinta, então aproveitava para fazer colagens e dar um pouco mais de resistência para o papel.



estudos abstratos





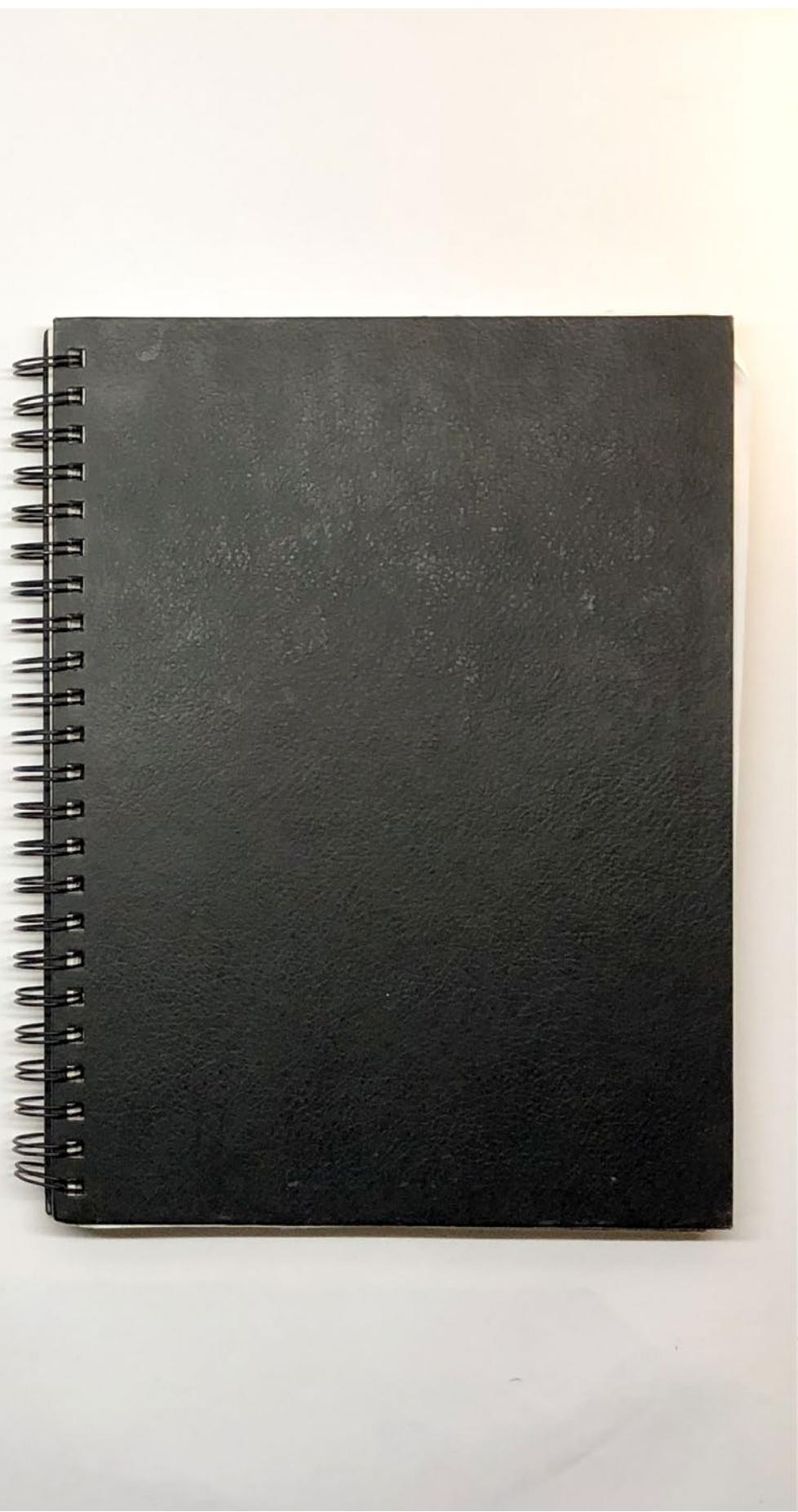
Mais para o final do caderno, fiz alguns estudos de texturas e estampas para uma linha de papelaria que desenvolvi para lançar num evento. Os estudos seriam para as ilustrações de capa.

Todos os cadernos, cartões e marcadores de páginas foram pintados à mão seguindo uma paleta de cores e estética oriental, entre creme, vermelho, dourado e preto. Criei também um carimbo para a marca, que usei para estampar no verso de cada uma das peças.

Esse caderno foi suporte para estudos mais abstratos e testes com colagens de uma forma que não estou muito habituada a fazer. O resultado não necessariamente é graficamente bem resolvido, mas acho que o estudo e desenvolvimento alcançados durante esse processo foram bem interessantes.



cadernos



documentos de processo: técnicas e materiais

Savannah, de 2014/09 a 2014/12

caderno

formato B5, espiralado;
papel pólen 120g;
capa dura.

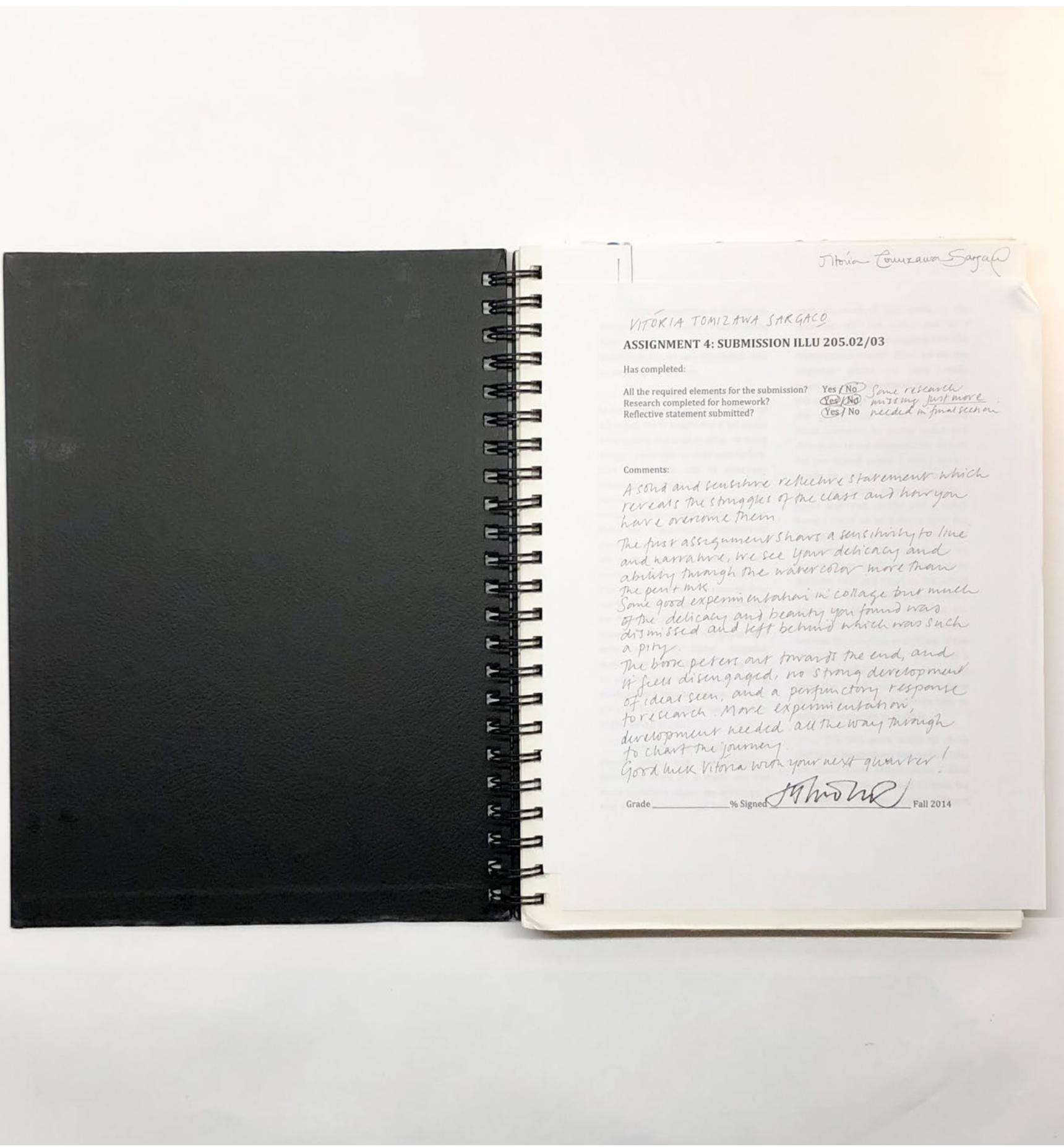
conteúdo

Caderno de processo para a matéria
Materials and Techniques I, na SCAD

materiais utilizados

Aquarela, nanquim, grafite, colagem, monotipia, stencil

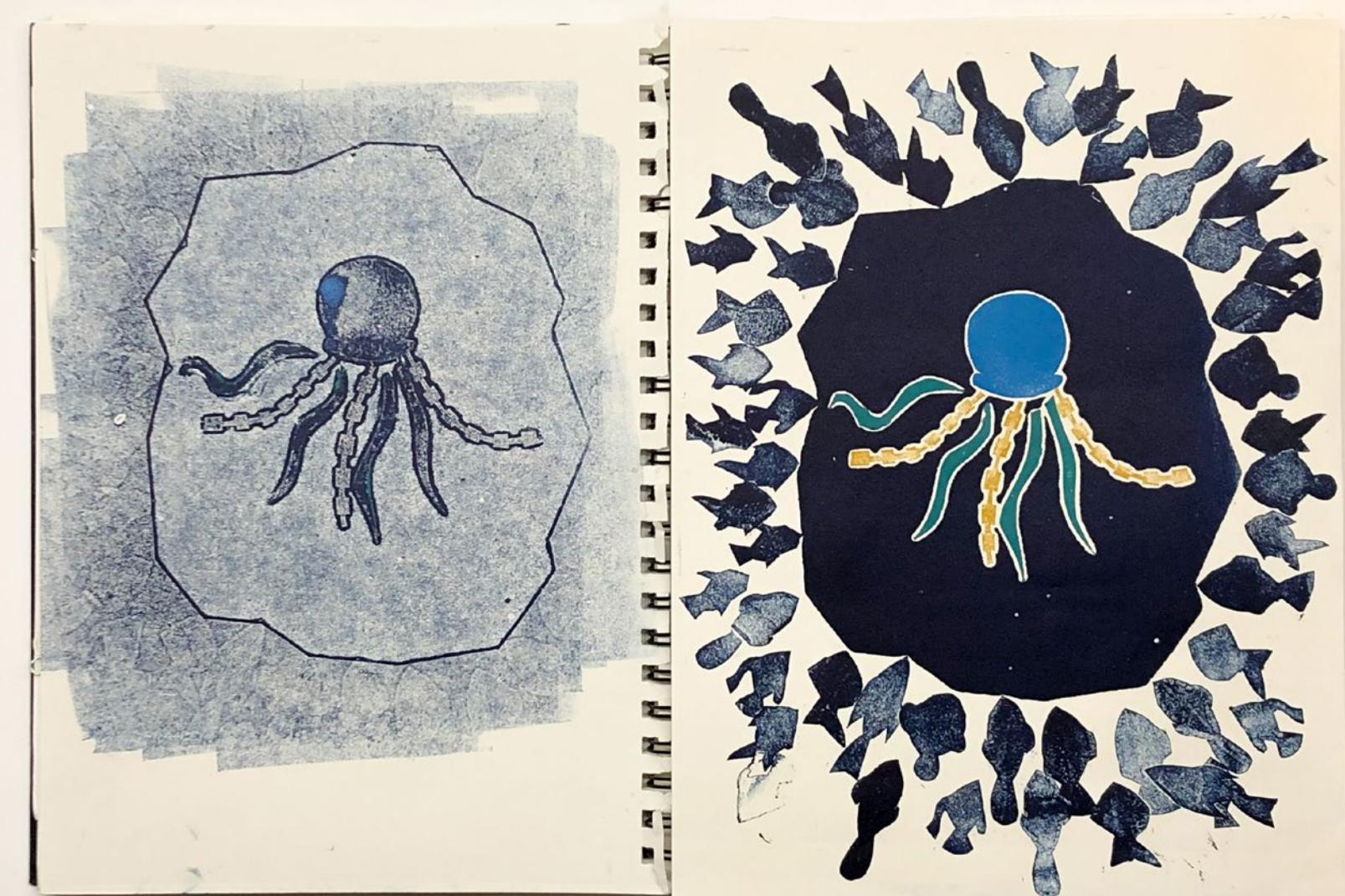
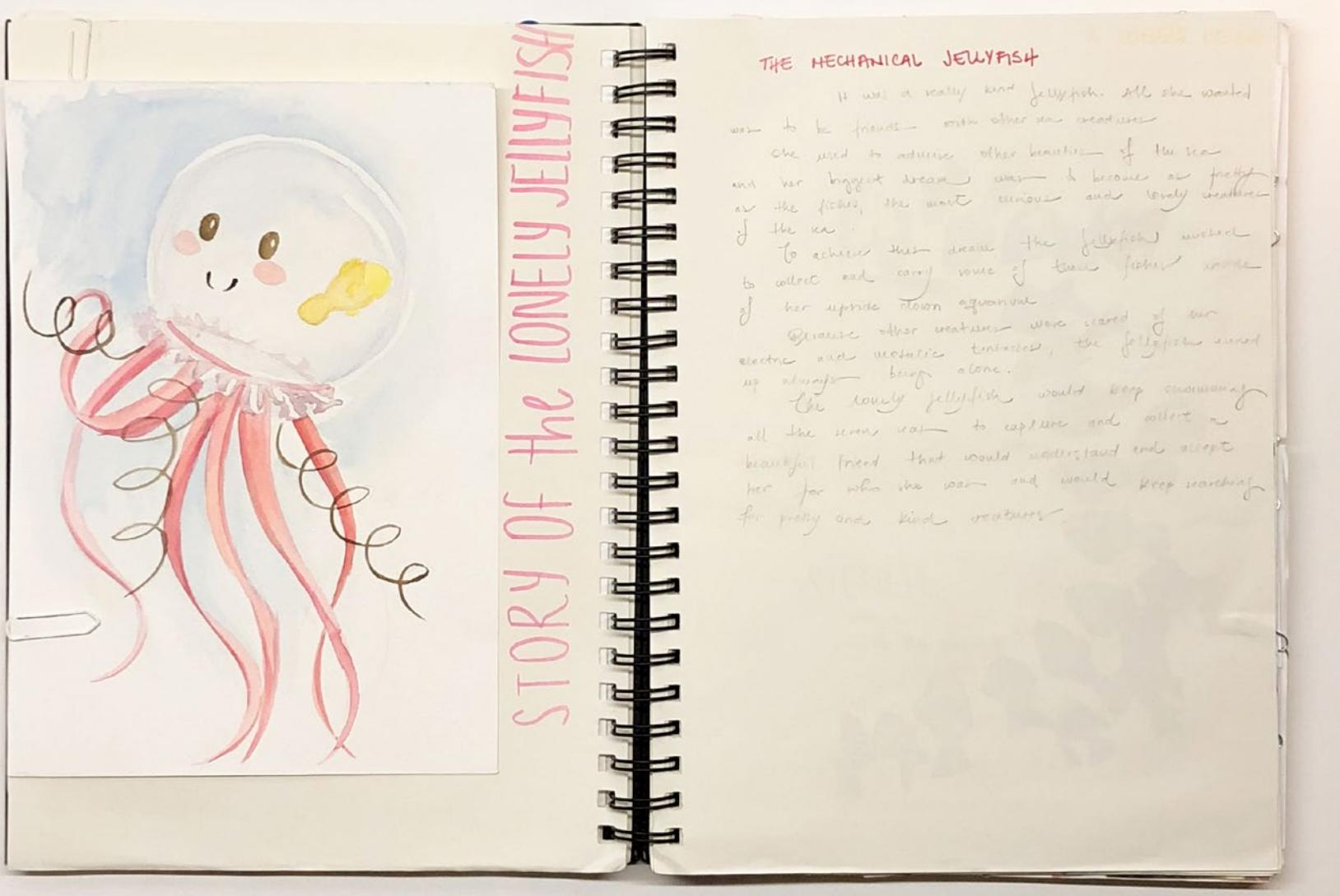
técnicas e materiais



Durante meu intercâmbio para a Savannah College of Art and Design, me matriculei numa matéria chamada Materials and Techniques. A proposta era que, ao longo do semestre, fizéssemos um caderno de processo, reunindo todos os nossos rascunhos e trabalhos finais para que fosse observado como um conjunto e avaliado no final do semestre.

O legal é que, por ser uma matéria dentro da escola de Ilustração da SCAD, a proposta sempre era produzir algo ilustrado ou gráfico, independentemente da técnica utilizada.

O primeiro projeto da matéria foi o Animal Mecânico. Primeiro, fizemos vários rascunhos tentando unir o mecânico ao biológico, criando um animal mecânico. Em seguida, escolhemos o personagem que mais gostamos para criar uma história para ele. No meu caso, escolhi uma água viva mecânica, e contei sua história: uma pequena água viva solitária, que só queria ter um amigo. Fizemos estudos em monotipia para poder desenvolver nossos stencils - a composição final do personagem. Depois de criar a história, fazer as monotipias e o stencil, também criamos um modelinho físico do animal mecânico.



técnicas e materiais

O projeto seguinte eram 2 composições de colagem: a primeira, um auto retrato; e a segunda, inspirada em outros artistas que trabalham com colagens. Para elaborar as composições, primeiro estudamos alguns artistas, pesquisando suas obras, materiais e texturas usados, temáticas abordadas. Foi bem legal aprender umas técnicas diferentes de transferência de imagens usando impressões de xerox a laser e acetona, pintura com acrílica e guache em papéis com texturas diferentes, diferentes recortes e sobreposições.

Portanto, no caderno de processo ficaram registrados todos esses estudos: tanto os pedaços de recortes de papel, as texturas diferentes que encontrei, estampas que estava pensando em usar na composição final, testes com a transferência em acetona, pedaços de revistas e folhetos anexos.

No próximo projeto, fizemos um livrinho experimental a partir de uma folha grande de papel, com nanquim por ferramentas diversas - pincéis diferentes, bico de

pena, esponjas de texturas diferentes - recortamos e dobrarmos de forma a se tornar um livro-objeto abstrato e interativo. Esse exercício foi uma introdução ao próximo projeto de sala, que era um pequeno livro ilustrado, feito de uma folha de papel cortada e dobrada, em que a proposta era escutar frases soltas de conversas e ilustrar nesse "hot dog conversations" book.



técnicas e materiais



Esse caderno foi o primeiro que fiz reunindo os estudos e desenvolvimentos de uma única matéria ou projeto. Foi a primeira vez que tive que pensar na apresentação dos meus pensamentos e rascunhos como uma coleção dentro de um caderno. É legal ver que a proposta da matéria realmente era conhecer e explorar diferentes técnicas e materiais, e, portanto, os resultados gráficos desse processo são até que bem interessantes.

Algumas técnicas eu nunca tinha visto, outras, tinha ouvido falar mas nunca experimentado. Desde técnicas de gravura mais simples como a monotipia até composições elaboradas em estêncil e colagem, chegando a montar modelos físicos de personagens estudados em desenho e livros-objeto criativos, olhar de novo para essas anotações revelam uma trajetória criativa e experimental que o curso tinha como proposta.



Foi uma retomada bastante sensível por essa longa jornada de tantos cadernos. Desde a curadoria de quais cadernos entrariam na análise, para que o trabalho ficasse um pouco mais objetivo, até observar cuidadosamente todo o conteúdo e todos os registros em cada um deles. Nesse processo, cada página que virava podia visualizar o momento em que aquela anotação foi feita. Quase como se viajasse no tempo e, tal qual um observador onisciente, como se pudesse presenciar de novo o exato momento em que abri o caderno com a página ainda em branco, ouvindo uma música ambiente, o som das pessoas em volta conversando, o cheiro quente do café. As pastilhas de aquarela ainda secas, e os primeiros rascunhos à lápis sendo traçados enquanto escuto as histórias e dilemas de queridos amigos num encontro casual num fim de tarde.

Não tive como não comparar os meus cadernos com referências visuais de processos criativos de outros artistas, arquitetos, ilustradores. Por exemplo, uma referência muito importante para mim são os cadernos de processo do meu querido amigo e estilista Leandro Castro, que são realmente focados no desenvolvimento de um projeto específico. Lembro-me bem de ir virando as páginas e observar texturas, cores, pinturas,

desenhos, rascunhos, colagens, anexos de tecidos e papéis, diversas anotações, referências. O caderno que ele faz é tal qual um mood board, com todas as suas referências anexas e reunidas em um único suporte, que, no caso dele, é um caderno.

Claro que o processo de desenvolvimento criativo de cada um é muito pessoal e varia muito. O que notei nos meus cadernos foi que quando era uma proposta de uma matéria específica, eu fui capaz de manter um assunto consistente dentre meus estudos contidos nesse caderno. Por outro lado, meus sketchbooks mais casuais, que costumo levar comigo e faço meus rascunhos do dia-a-dia, anotações, agenda, pequenas ilustrações, acabam tendo temas muito variados entre eles, inclusive quando estou desenvolvendo um projeto pessoal, como as estampas para papelaria, os mascotes para o evento de Festa Junina ou a criação de um logo novo. Portanto, nesse tipo de caderno, para mim que sou uma ilustradora casual, é possível ver uma variedade grande de desenhos, estilos, texturas e materiais.



Fotos gentilmente cedidas pelo meu querido amigo Leandro Castro. Seu processo para desenvolvimento da Coleção Transversais, 2015.

Fazer essa revisita aos cadernos antigos trás à tona estudos que fiz e que talvez eu pudesse fazer novamente hoje, sob um novo olhar e com diferentes técnicas que adquiri ao longo dos anos. O desenho não é a expressão fiel da realidade, é uma interpretação, uma intenção. A cada momento que fiz cada um desses rascunhos e ilustrações, eu tinha um olhar específico e um sentimento único daquele instante em que foram desenhados. O traço sobre o papel se torna mais expressivo e carregado de memórias justamente por causa disso: o resultado gráfico estampado no

papel e colecionado no caderno é um registro de uma vivência, e ao colocar todos eles lado a lado é possível desenhar a paisagem temporal desse período em estudo.

Além desse aspecto mais sentimental sobre os registros, também gostaria de observar mais a fundo essa paisagem temporal desenhada por esses cadernos. Cada um deles tinha um tema ou técnica principal que estava em foco nos meus estudos e desenvolvimentos da época. Agrupando-os é possível

observar que cada um deles tem um conjunto de desenhos e registros, tem seu próprio processo documentado.

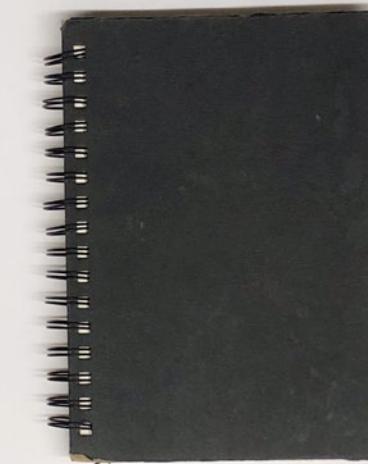
Primeiramente, gostaria de colocá-los em ordem cronológica, para a partir dessa linha do tempo entender as mudanças e desenvolvimentos entre um e outro, tanto em técnica, estilo e estética quanto em processo criativo.

2014

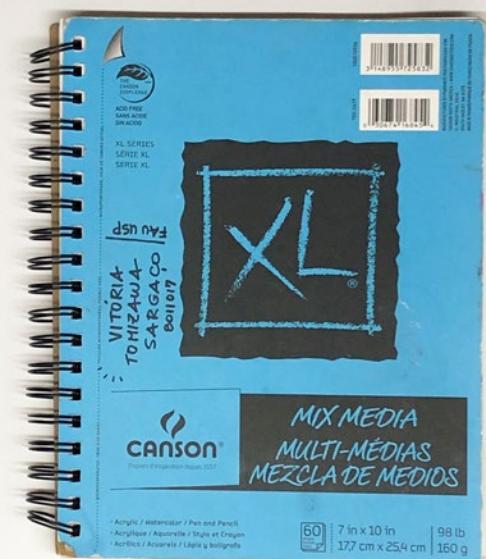


técnicas e materiais

2017



sketchbook estudos



pequenos achados

2018



estudos abstratos

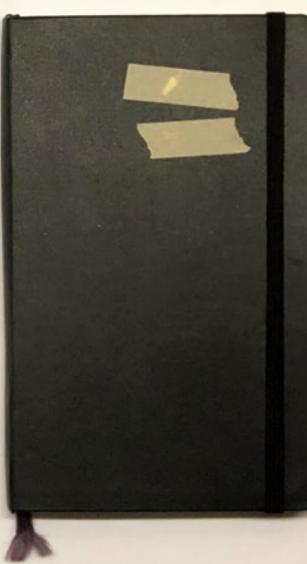
2019



agenda diário



diário de bordo



moleskine preto

2014

documentos de processo: técnicas e materiais



2017

sketchbook estudos de ilustração



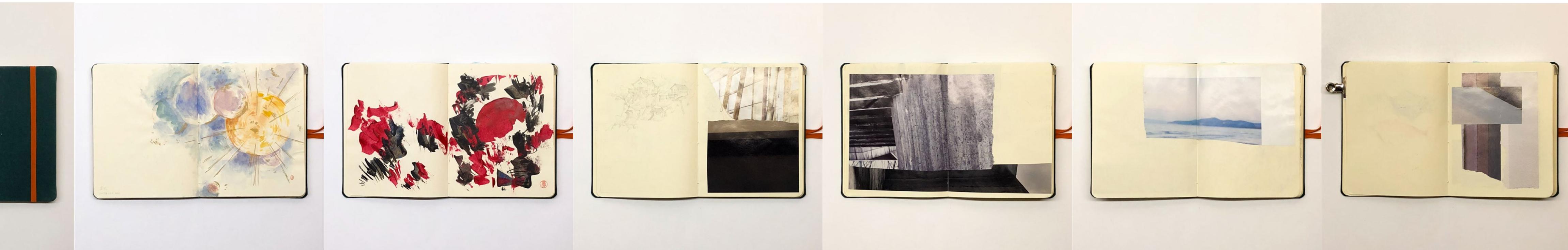
2017

pequenos achados da natureza



2017 - 2018

estudos abstratos



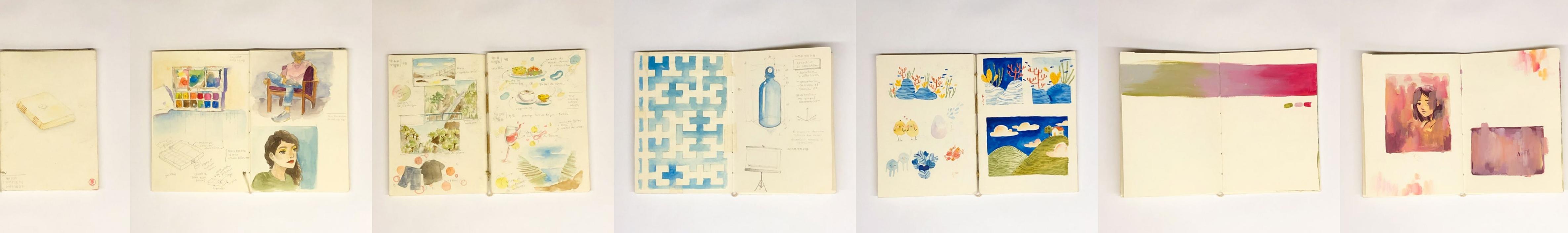
2018 - 2019

agenda diário



2019

diário de bordo



2019 - 2020

moleskine preto



Colocando os cadernos todos lado a lado, é possível observar que cada um deles é um conjunto de documentos de processo bastante distinto, mesmo que todos tenham sido feitos por mim mesma. Não apenas as diferentes propostas de cada um deles me estimulou a fazer experimentações visuais fora da minha zona de conforto, mas o próprio suporte do caderno em si também, seja pelo tamanho da folha, que do espiralado para o brochura aumenta de tamanho, pela portabilidade do caderno ou pela textura e espessura do papel. Além disso, em cada um desses momentos, o estímulo para se experimentar com um determinado material, seja pintura, desenho ou colagem, também

influenciaram para que os processos criativos fossem diferentes entre si.

O primeiro caderno em ordem cronológica está um pouco mais distante dos outros e não é sequencial, já que entre ele e o caderno de estudos de ilustrações de 2017 eu tive outros sketchbooks. De fato, ele é um pouco desatualizado se comparado com os trabalhos e estudos que faço atualmente, mas pra mim, ele marca um momento muito importante no meu entendimento sobre cadernos de processo. Até então, meus sketchbooks eram coleções de rascunhos e desenhos, mas não necessariamente estudos de processo criativo

ou técnicas e materiais distintos. Justamente por ser uma matéria em que o objetivo era a experimentação visual com técnicas de ilustração e gravura que eu nunca tinha usado antes, e a coleção e organização desses estudos em um único caderno, o resultado desse sketchbook, mesmo que graficamente não tão bem resolvido ou com composições tecnicamente fracas, acabou sendo interessante. Foi a primeira tentativa de reunir todos os documentos de processo de um mesmo estudo, passando por rascunhos a lápis à monotipias e stencils, colagens, transferências e carimbos, texturas de papel e de tinta até mini-livro experimental. Foi a primeira vez que usei muitas dessas

técnicas na ilustração, e as influências desses estudos se refletem nos cadernos de processo a partir de então.

Na sequência, pulamos para Janeiro de 2017, no caderno de estudos de ilustrações. Diferentemente do primeiro caderno, esse sketchbook tinha uma proposta de estudos pessoais de ilustração e pintura. A técnica mais presente no caderno é aquarela. Eu comecei a estudar mais tecnicamente essa habilidade em 2014, antes de ir pro intercâmbio em Savannah, num curso de desenho aqui em São Paulo. Chegando lá, eu fiz matérias de ilustração pra aquarela, ilustração para propaganda e editorial, e também pintura com mídias à base de água, que englobava aquarela e acrílica. A aquarela, portanto, já não era uma técnica nova ou desconhecida, mas é um processo que com certeza demanda muita prática para ter destreza e domínio.

Já estava habituada a andar com uma mini paleta e um pincel de água junto dos meus sketchbooks. Influenciada por ilustrações mais lúdicas e que usam de técnicas bastante precisas e com muita maestria no controle da água e da tinta, comecei a fazer estudos de composições com técnicas um pouco mais elaboradas de pintura. A temática recorrente buscava fluidez de formas e contraste de cores na exploração de sobreposição de camadas aguadas com

recortes, contraste entre figura e fundo preenchido ou estampado e riqueza de detalhes, até no uso de tinta dourada.

Concomitante a esse caderno, comecei também o caderno de pequenos achados da Natureza. Eles acabaram acontecendo simultaneamente porque antes de concluir o anterior, eu comecei a cursar a matéria de Linguagem do Desenho, optativa eletiva da FAU ministrada pelo Prof. Feres Khouri. Alguns dos primeiros estudos dessa matéria, inclusive, foram feitos no caderno de ilustrações. Orientada pelo Prof. Feres a organizar os estudos dessa matéria num caderno distinto, para que reunisse todos os documentos desse processo sem se misturar aos meus estudos pessoais, comecei esse caderno azul. Ele tem um papel bem mais espesso e apropriado para pinturas e experimentações com materiais e tintas. A temática era bem mais objetiva também: estudos de achados da natureza e desenhos de observação. É uma matéria que muitos dos alunos participavam sem necessariamente dominar alguma técnica artística, mas nos reunímos para discutir graficamente as diferentes possibilidades dessa linguagem visual.

Estudos de repetição de um mesmo objeto refletem muito essa trajetória de pensamento visual: partindo

de um mesmo objeto fazer diferentes interpretações gráficas, usando materiais distintos ou não. A matéria nos estimulava a desenhar tanto no ambiente e horário de aula quanto nos nossos momentos individuais e pessoais de estudo. O material e técnica usados eram completamente livres. Claro que a aquarela não ia ficar de fora, mas aproveitei a oportunidade para resgatar a tinta acrílica, que não usava desde 2015, e um pouco de materiais secos como o conté. Fiz estudos mais realistas, como algumas das maçãs, mas também fiz estudos mais experimentais, usando manchas de tinta acrílica, desenhos cegos e gestuais com conté.

No final desse semestre, o Prof. Feres Khouri estava inaugurando sua exposição “Kinográficos - Mobilidade” na Galeria do Centro Universitário Maria Antônia. Fomos convidados por ele mesmo a fazer uma visita guiada, em que ele falaria um pouco mais sobre o seu trabalho como artista plástico e suas obras. A exposição estava encantadora. Logo na entrada, uma das obras que mais me impactou: uma pintura enorme, feita num rolo de papel de algodão, presa num suporte na parede que permitia enrolar e desenrolar o rolo para revelar a história visual da pintura. Essa obra conta visualmente a história do Gênesis, a criação divina. As técnicas utilizadas incluíam muitas sobreposições de cores e texturas, além do uso de folhas de ouro, que é um

material sensível e delicado, que dá uma leveza e um brilho nas composições. Bastante inspirada pelas obras mais abstratas e experimentações que vi na exposição, tanto das pinturas nos rolos quanto nos livros com texturas em preto, também obras do Prof. Feres Khoury, comecei um novo sketchbook: o caderninho de capa verde-escuro.

Esse caderno tem papel mais fino e frágil, que se desmancha com pinturas muito aguadas ou excesso de camadas. Mas uma característica muito importante desse caderno é que ele é brochura. Isso significava que cada abertura de páginas eu teria o dobro de comprimento de papel para minhas composições, e há muito tempo eu estava usando apenas cadernos com acabamento em espiral. Logo no começo do caderno fiz uma composição inspirada em um dos trechos da obra que conta o Gênesis, do Prof. Feres Khoury. Formas geométricas, sobreposição de cores e camadas, texturas de pinceladas, tinta dourada fazendo raios de luz. Uma das primeiras composições abstratas que me arrisquei a fazer.

Inspirada por essa temática de estudos abstratos e sensoriais, explorando diferentes sensações, me expus a uma nova experimentação: transformar visualmente a percepção de um som. E não foi um som qualquer.

Para quem conhece a arte do Wadaiko, o tambor japonês, sabe que é mais do que um som: é uma vibração forte que ecoa dentro do corpo, que transmite uma energia intensa. É uma arte que usa do corpo todo, não apenas na batida sobre o couro, mas na movimentação corporal, na dança, no gesto, e na voz. E esse conjunto de elementos que cria essa vibração tão intensa, que o espectador sente desde o arrepio na superfície da pele até uma reverberação dentro do corpo.

Nesse estudo, foi justamente esse sentimento e essa vibração fortes que tentei traduzir visualmente no papel. E depois dessa composição, segui fazendo experimentações que me tirassem da zona de conforto, com colagens de pedaços de revistas e folhetos. Colagens que discutem o conteúdo e a cor, a textura da foto em contraste com a textura do papel. Colagens que falam sobre cheios e vazios, sobre espaços preenchidos e espaços em branco. Foram muitas tentativas de abstrair ideias e desafiar o pensamento visual em diferentes processos criativos.

No caderno seguinte, já em 2018, comecei o projeto da agenda diário. Como expliquei anteriormente, foi um caderno que tinha o objetivo de fazer registros tal qual um diário, com minhas atividades do cotidiano,

compromissos e pequenos desenhos sobre a rotina. Era a proposta inicial para o Trabalho de Graduação, e seria objeto de estudo e de análise. Conforme o semestre foi passando, eu realmente consegui manter a disciplina de diariamente preencher pelo menos o desenho diário. Eventualmente, ia fazendo outros estudos de ilustrações e o caderno foi ficando preenchido. Nesse caderno foi a primeira vez que fiz composições pintadas a gouache, que era uma técnica e materiais novos que queria experimentar. Por ter a característica de ser um diário, também foi a primeira vez que fiz anotações tão pessoais e emotivas em um sketchbook: desde representações de sentimentos que tive até pequenas observações cotidianas, registros de emoções, anexos de mensagens carinhosas recebidas.

Esse caderno acabou incluindo temas muito diversos nos seus registros. Além do diário e da agenda, dos estudos de pintura, também tiveram estudos de ilustração que viraram produto, finalizadas digitalmente, ou até mesmo tatuagens. E mantive esse caderno como agenda até meados de 2019.

No segundo semestre desse ano, me matriculei numa matéria de Técnicas de Visualização e Representação, como optativa da matéria do design. É uma matéria de primeiro ano e tem conceitos bastante introdutórios

sobre desenho e representação gráfica, desde noções de perspectivas e desenho técnico até criação de estampas e estudos de observações. A própria matéria tinha a proposta de carregar consigo um sketchbook, e, ainda influenciada pelo meu próprio projeto da agenda diário, esse caderno acabou se tornando praticamente um diário de bordo. A temática constante eram os desenhos de observação de coisas do cotidiano, desde detalhes operacionais da dobradiça da paleta e embalagens atípicas, até paisagens e retratos. Levei esse caderno comigo durante uma viagem em família por Portugal, em que passamos por várias cidades como Évora, Covilhã, Porto, Coimbra e Lisboa. Por serem registros tão sensíveis, assim como os da agenda diário, foram vários rascunhos de paisagens e momentos que foram marcantes para mim.

Por fim, o mais recente e finalizado caderno é o moleskine preto. Foi meu companheiro de viagem por Tokyo, com anotações de aula e registros de observações cotidianas. Em qualquer momento que eu tivesse uma horinha livre já parava para tomar um café e rabiscar. Retratos inspirados em pessoas desconhecidas, registros dos padrões da moda japonesa vestida nas ruas e na faculdade, a bandeja e a xícara do café, a paisagem de uma edificação antiga, as folhas de ginkgo que ficam douradas e caem no final

outono. São registros de coisas muito cotidianas e que parecem ser muito simples, mas tem uma sensibilidade no olhar e uma memória afetiva no traço.

Esses cadernos todos, quando observados individualmente são cheios de memórias bastante singulares e estudos técnicos específicos. Mas quando vistos em conjunto, pode-se notar que entre eles há semelhanças e diferenças.

Semelhantes porque as técnicas evoluíram e ficaram mais confortáveis no traço, mas são recorrentes: sempre tem a aquarela, um experimento em gouache, um rascunho em grafite, uma mancha de nanquim. Diferentes, porque a abordagem e o tema em cada um deles tinha seus objetivos, seja o estudo técnico, conjunto de processos para uma aula ou as composições de ilustrações pessoais. Semelhantes porque são registros sensíveis, são documentos de todo esse processo criativo ao longo dos anos da graduação.

De um para o outro, é possível notar as influências, permanências e mudanças. A forma como os estudos de formas e texturas abstratas se manteve uma temática a partir do caderninho verde-escuro, e como os desenhos de observação foram se tornando mais

comuns depois dos pequenos achados da natureza. Depois da agenda diário, os sketchbooks passaram a conter mais registros do cotidiano também.

E essas mudanças e permanências tornam esse registro interessante, porque a cada novo tema ou nova técnica, a exploração e o processo criativo se reinventam. E tudo isso ficou documentado nesses cadernos de processo, e sempre que são resgatados, revivem memórias, momentos, sentimentos, desafios e conquistas passados.

considerações finais



Foi uma retomada bastante sensível da minha trajetória na FAUUSP. Não apenas por ter revisitado trabalhos antigos e memórias escritas nos meus cadernos e diários de aula, mas por observar o cuidado de cada desenho e o papel deles em cada processo criativo pelo qual passei, e não necessariamente avaliando a qualidade ou a finalização do desenho em si.

Todos esses cadernos revelaram a passagem do tempo e o desenho da paisagem que fiz nesse percurso da graduação na FAUUSP. São documentos de processo, registros afetivos, gestos. A discussão sobre o pensamento visual, o papel do desenho como forma de comunicação e expressão, sobre o desenho como uma linguagem visual não está concluído. Para nós, criadores e criativos, é uma discussão em processo e desenvolvimento constante, cheio de mudanças, idas e vindas, releituras e reflexões.

Ao meu ver, nada mais coerente que concluir o curso de Arquitetura da FAU, tão abrangente e com tantas possibilidades de aprendizado, com essa revisita sensível a tantos documentos de processo, inclusive os que não foram comentados e analisados nesse trabalho. Durante a graduação e intercâmbios, foram muitos processos e registros feitos, muitos desenvolvimentos técnicos e criativos, muitas vezes

em que foi preciso repensar a comunicação e a representação visual de projetos e ideias.

A reflexão sobre o pensamento visual e as linguagens do desenho transcende a vida profissional e se reflete em todas as esferas da vida de uma pessoa criativa. Cada desenho é uma intenção, e a cada designio, uma nova resposta gráfica da comunicação visual.

referências bibliográficas

ARTIGAS, Vilanova. **Sobre desenho.**
São Paulo: GFAU, 1975.

BRERETON, Richard. **Sketchbooks: the hidden art
of designers, illustrators & creatives.**
London: Laurence King, 2009.

DERDYCK, Edith. **Diseño, Desenho, Desígnio.**
São Paulo: Editora SENAC, 2007.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte.**
16ª edição. Rio de Janeiro: LTC, c1999.

ISODA, Gil Tokio de Tani e. **HQ processo urbano.**
São Paulo: Trabalho de graduação, 2006.

KHOURY, Feres Lourenço. **O desenho e suas
finalidades.** São Paulo : Edusp, 2014.

MOTTA, Flávio. Desenho e emancipação. **Sobre
desenho.** São Paulo: GFAU, 1975.

NEW, Jennifer. **Drawing from life: the journal as art.**
New York : Princeton Architectural Press, c2005.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de
criação.** Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

PIPES, Alan. **Drawing for designers.**
London: Laurence King, 2007.

PFÜTZENREUTER, Edson do Prado. Desenho como
documento de processo criativo.
Manuscritica - Revista de Crítica Genética.
São Paulo: v.10, p.187-196, 2002.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado:
processo de criação artística.**
São Paulo: Annablume: FAPESP, 2004.